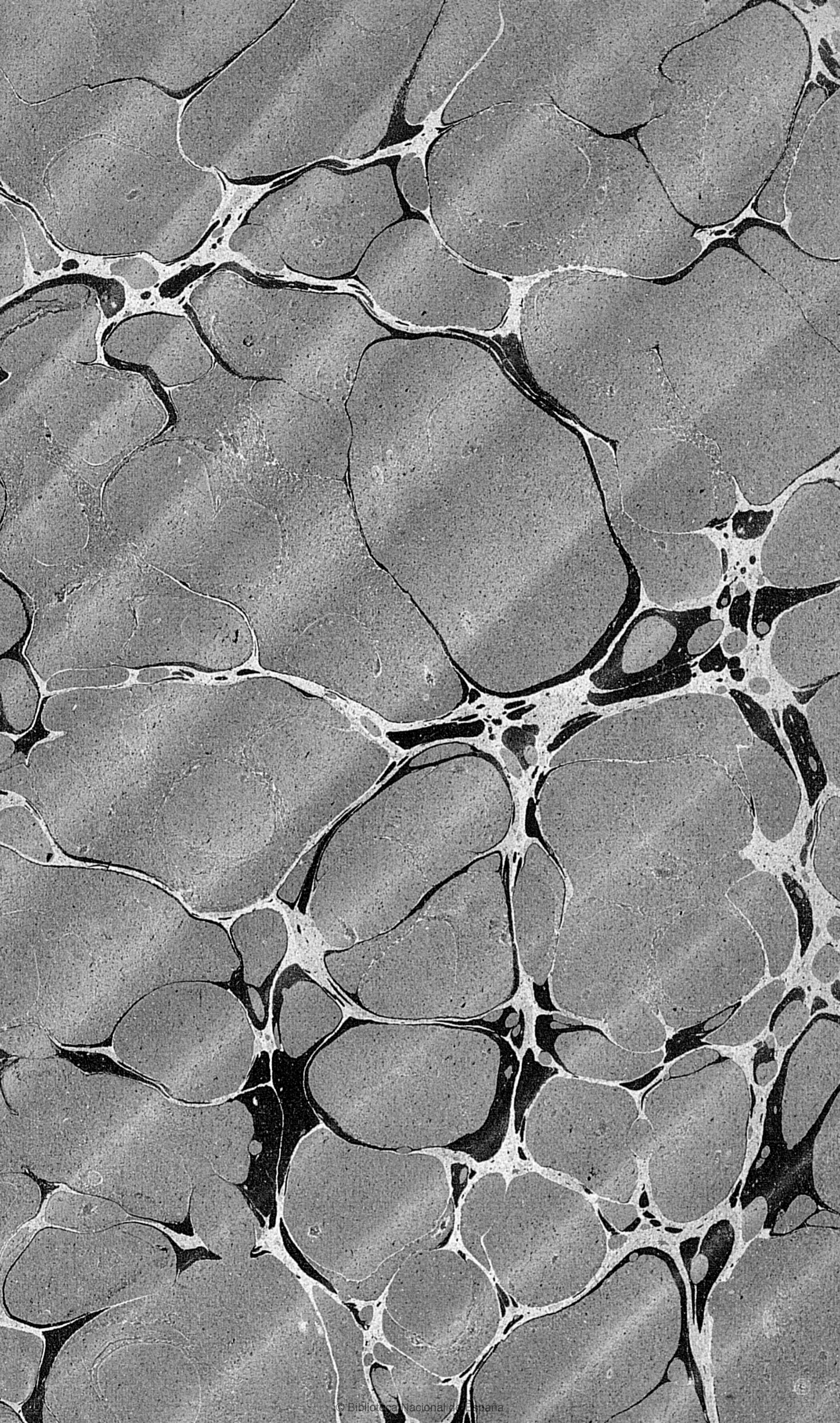


AYRES  
INDIANAS  
E  
PORTUGUEZAS

1  
6567



1  
65.672



1401

1401

1401

1401

ALCAIDE  
ENCUBERNADOR  
VALVERDE, 1, DUPOO.  
MADRID



CHRISTOVAM AYRES

---

---

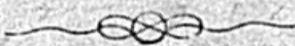
INDIANAS E PORTUGUEZAS

---

(1870-1875)

---

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

—  
1881

172





CHRISTOVAM AYRES

INDIANAS E PORTUGUEZAS

(1870-1875)



SEGUNDA EDIÇÃO

*Ao seu querido amigo*

*Dr. Sanchez Obispo,*

*em sinal de minha*

*consideração pelo seu talento*

*e saber.*

*Christovam Ayres*

*Lisboa  
 Dez. 95.*

PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA — EDITORA

—  
1881



A

Thomaz Ribeiro

OFFEREÇO ESTE LIVRO COMO PENHOR  
DE MUITA GRATIDÃO



## OBSERVAÇÃO PREVIA

---

Os versos que constituem este livro, escriptos dos 17 aos 22 annos, faziam parte de dois volumes completos, um de indole puramente oriental — *Os Poemas do Levante* — annuciado ha cerca de quatro annos, mas estrangulado antes da nascença, e outro que devia ser publicado immediatamente ao primeiro, e ao qual coube a mesma justa sorte.

Com desapiedada mão de ceifeiro consciente, entrei a devastar a farta ceara, pejada de esteril joio, e o pouco que uma particular affeição logrou salvar ahi fica fundido n'um livro, cujo unico merito será representar na arte a espontaneidade de quem produz por simples obediencia ao seu temperamento, sem acatar facções, nem absurdos preconceitos d'escola.

Na arte o convencionalismo é a contrafacção, e tanto monta que esta se funde em idealidades doentias, como na observação minuciosa do réles e do immundo.

Este livro, portanto, não pertence a escola nenhuma ou póde pertencer a todas, pelo que n'elle houver de verdadeiro e de apreciavel.

Lisboa — 1878.



## PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

---

Quando se tratou de editar pela segunda vez este livro sorriu-me a ideia de o tornar valioso com a adição de algumas das criticas com que o haviam honrado. Na impossibilidade porém de accrescentar excessivamente este volume, e na maior impossibilidade ainda de estabelecer a selecção na abundancia de longos artigos de apreciação com que as *Indianas* foram recebidas, tanto em Portugal como no Brazil, resolvi limitar-me a uma simples demonstração do meu profundo reconhecimento, por meio d'um aperto de mão que d'aqui envio aos collegas e amigos, que publica e particularmente me penhoraram com as provas da sua boa camaradagem e sympathy.

Dos conselhos com que alguns acompanharam os seus prodigos louvores, muitos vão aproveitados n'esta edição, e entre elles o que mereci ao meu confrade e amigo o sr. Consiglieri Pedroso, que verá utilizada no fim d'este volume a sua proveitosa ideia. Na realidade a experiencia provou que se tornava em parte difficil a intelligencia de muitos versos sem a previa explicação de algumas palavras orientaes. São sempre fructiferos os conselhos da boa critica. As *Indianas e Portuguezas* tiveram a fortuna de a merecer, e é esta a sua melhor recommendação.

Lisboa. Setembro, 1880.





# Indiamas



A

THOMAZ MOURÃO



## INDIA MATER

Não empolgara ainda a ambicionada victima  
a garra do falcão, a garra feita d'aço;  
pairava-lhe em redor em circulos concentricos,  
cingindo-a mais e mais no vigoroso abraço.

E sobre o vasto oceano, impávido gigante,  
sondava a velha Europa as selvas do Levante.

Já as frotas do Gama, os galeões enormes,  
rasgando o seio ardente ao mar prodigioso,  
quaes cetaceos de bronze, indomitos, informes  
tentavam subjugar a furia ao Tormentoso.

E a vetusta Albion, dos pincaros polares  
lançava sobre a preza os avidos olhares.

O soberbo paiz, onde brotara esplendida  
da civilisação a arvore sublime,  
viu levantar-se aos pés das suas hostes barbaras,  
como d'um fulvo abysmo o odio, a guerra, o crime.

E como astuto açôr por sobre um mar de brazas  
o genio d'Inglaterra abria as grandes azas.

Inda a força de Hasting, de Clive e de Cornwálles  
não tinha subjogado os pulsos ao leão,  
que do Gates descendo aos rumorosos valles,  
aonde agonisava a patria e a religião,

ao mando de Tipú, d'Aureng-Zeb e d'Holkar  
rugia como a onda em tempestuoso mar.

Inda a surda ambição do saxo povo nómada  
não levantara na Asia o seu ingente imperio;  
mas sondava na treva as longas selvas múrmuras,  
como um chacal que espreita um vasto cemiterio.

Era a colonia audaz d'intrusos commerciantes,  
lançando o avaro olhar ás minas dos diamantes.

O indio voluptuoso, o lubrico selvagem,  
indifferente e surdo ao colossal trabalho  
que aos pés lhe aprofundava uma fatal voragem,  
abria o seio ardente aos gozos do serralho.

E o inimigo armava as perfidas phalanges  
desde as margens do Indo aos areaes do Ganges.

---

Não contavam rivaes os templos do Carnatico,  
e o magno Djaguernat, prodigio que inda espanta,  
e o tigre ouvia ao longe entre os juncaes balsamicos  
vibrar n'um som profundo as grutas d'Elephanta.

O mar tinha a soidão, o homem tinha as festas,  
e a fera a morna paz enorme das florestas.







Crusavam-se no ar milhões de vagalumes;  
e as graves orações d'austeros celebrantes,  
como um murmurio immenso,  
subiam até Deus nas espiraes do incenso.

Ardiam brandamente  
nas caçoulas de prata a myrrha deliciosa,  
o áloes, a baunilha, o sandalo e a rosa.  
A voz dos sacerdotes  
rumiava docemente  
as supplicas e os hymnos;  
e á santa romaria os tardos peregrinos  
acorriam brandindo os phusphuros archotes.

E ninguem falta á festa; os velhos, as creanças,  
mulheres matisando as longas, negras tranças  
do ouro, dos rubis, das flores predilectas,  
dos perfumes subtis, das joias mais selectas.

A viuva que soluça, a mãe que ri e canta,  
a acalantar o filho, a prece sacrosanta,  
o brahmane, o sarcar, o artista, o operario  
juntam-se, á voz de Deus, n'aquelle sanctuario.

E n'esse vasto chão, que o mogarim alastra,  
por momentos se cala a voz do Darmachastra.

No entanto, manso e manso, a noite caminhava;  
e emquanto no poente a lua declinava,  
abandonando a selva, as varzeas e os palmares,  
succediam á prece os languidos cantares.

No matisado chão, juncado de mil flores,  
faziam tintilar os seus anneis de prata,  
uns pés trigueiros, nús; e a multidão sensata  
admirava em silencio os gestos seductores,  
os requebros gentis, e as vozes feiticeiras  
que exhibiam, dançando, as frescas bailadeiras.

Viam-se reflectir em todos os olhares  
a alegria infantil, os sustos e os pezares,  
o poema indiciso  
que ora alenta e vigora, ora intristece e rala  
a triste Sacuntala.

Chora-se com o seu pranto, e ri-se com o seu riso,  
e todo olhar que sonda aquelle coração  
encontra, fascinado, um casto paraizo  
envolto pelo sól n'um celestial clarão.

Segue-se o riso ao pranto, á egloga a tragedia,  
ao quadro pantheista,  
onde o espirito exulta e onde se expande a vista,  
a pungitiva scena, e as fundas agonias.

Que alegres sensações! que tristes melodias!

E essa pobre mulher sorrindo e soluçando  
á provocante luz dos astros e dos lumes,  
deixa exhalar da voz uns celicos perfumes,  
como o entreabrir-se a flor quando o sól vem raiando.

E o auditorio immenso, ouvindo aquella voz  
que faz erguer da campa a sombra dos avós,

e lhes traz á memoria o seu passado egregio,  
ao drama secular ergue um triumpho regio,  
e acolhe entre ovações, e balsamos, e flores,  
aquella nobre herança, herdada dos maiores.

---

A lua vae descendo os plainos do poente,  
e inda de estrellas mil a esteira luminosa  
no transparente azul se esvae suavemente;  
e já a flor, abrindo a pétala olorosa,  
namora, saturando o perfumado ambiente,  
a argentea luz que innunda a selva rumorosa.

N'isto, subito o sól irrompe no Levante,  
qual carbunculo enorme acceso e scintillante.

## LAKMÉ

### I

Começava a manhã: da lua o curvo disco  
perdera a pouco e pouco as suas fórmãs bellas;  
qual pastor que recolhe as rezes ao aprisco  
o sól ia colhendo as ultimas estrellas.

Inimigo da Treva, ás virides alfombras  
dava as scintilações dos prismas deslumbrantes,  
e sagitario ousado, afugentava as sombras  
com zagaias de luz: — os raios penetrantes.

Ao seu clarão intenso a Terra, qual thesoiro  
que a Noite arrebatara, erguia-se entre aromas,  
e o seu fulgente olhar dava reflexos d'oiro  
dos vastos arrozaes ás fluctuantes comas.

Aos seus beijos de fogo a casta Natureza  
estremecia, abrindo os cálices ás rosas,  
e era a flor do aloés como grinalda preza  
da noiva seductora ás tranças voluptuosas.

Nas ramas do palmar os pássaros cantavam,  
sorriam no horisonte umas paisagens frescas;  
mensageiras do amor, as brizas transportavam  
o pollen fecundante ás selvas gigantescas.

As aves iam no ar como brilhantes ondas,  
e a creadora luz que os spondiaes inflora,  
feria obliquamente as cúpulas redondas  
d'um palacio onde brilha o porphido d'Elóra.

## II

A arte que levantara os templos de Madrasta,  
Maha-Bali-Puran, Sesseran, Trichengura,  
o minarete esguio, e a nave longa e vasta  
do templo de Mujid, gloria da architectura,

tinha tambem erguido os basteões altivos  
d'aquella habitação antiga e magestosa,  
onde os ricos metaes teem reflexos vivos,  
e aonde abunda o onyx e o marmore de rosa.

É um monstro de pedra, hirto, saxeo gigante!  
As torriolas erguendo as cristas ponteagudas  
parecem, a distancia, aos olhos do viandante  
as lanças verticaes de sentinellas mudas.

Ao fundo o palmeiral, n'um preguiçoso gesto,  
debruça sobre o tecto os ramos chocalheiros,  
e vê-se o labutar infatigavel, lesto  
dos ésquilos trepando aos mastros dos coqueiros.

Lá dentro é um primor! As múrmuras cascatas  
despenham-se, espumando, em tanques d'alabastro;  
as aves vão soltando as lympidas volatas  
e as pedrarias tem scintillações dos astros.

Nos altos pedestaes, em ébano esculpidos,  
sorriem na penumbra estatuas magestosas,  
mostrando o pulso audaz dos heróes aguerridos,  
e das deusas do amor as fórmulas voluptuosas.

Em vasos do Japão de fina porcellana  
saturam de veneno e aromas a atmospheria,  
os doirados botões redondos da marsana,  
flores de Cachemira, e rosas de Cythera.

Agitam docemente as africanas servas  
os plumosos *pankás*, enormes borboletas;  
e arde o ambar suave e aromaticas hervas  
na branda chamma azul das aureas caçoletas.

## III

Ha no centro da mole um pateo illuminado  
onde o sacro *tulôs* abre a vistosa coma,  
templo d'alvos festões e perolas coroadas,  
urna d'onde se exhala o mais distincto aroma.

Lakmé, mal despontou nas orlas do Levante,  
o amplo sól innundando as varzeas e as florestas,  
desceu a tributar a prece supplicante  
ao Deus que inflora o rizo, e que illumina as festas.

Inda no fresco orvalho os silphos doudejavam,  
tremiam nos rosaes as gottas crystalinas,  
e no calix azul dos lagos palpitavam  
os harmoniosos sons d'orchestras matutinas.

Como as fontes vão ter, e os rios ao Atlantico,  
e á cerulea amplidão dos transparentes ceus  
perfumes do cajueiro e os vagos sons d'um cantico,  
assim Lakmé mandava o pensamento a Deus.

## IV

Seus olhos d'azeviche, horisontes brilhantes  
nos quaes a luz se espraia em tentadora onda,  
trazem-nos á lembrança os prismas deslumbrantes  
com que a Aurora illumina os lagos de Golconda.

O pequenino renque airoso dos seus dentes,  
entre o brando carmin da bocca feiticeira  
lembra um fino collar de pérolas nitentes  
sobre o calix da flor vermelha da romeira.

O rosado chinez das suas unhas finas,  
seu arqueado pé, tenro como um renovo,  
e as mãos que nem Sitá as tem tão pequeninas,  
eram o grande pasmo, a admiração do povo.



---

Um *nôt* circular pende-lhe da narina,  
cinge-lhe o airoso busto um *chol* de nivea sêda,  
e do seu fragil corpo a linha que fascina  
n'um amplo paño verde envolve-se e se enreda.

Ouve-se o retinir dos seus anneis de prata  
quando ella poisa o pé na flacida alcatifa,  
que ao suave contacto em flores se desata,  
e onde a mosqueada pelle imbebe a unha grifa.

Tem na voz harmoniosa as notas d'uma lyra;  
e aos que a vissem decerto era dado suppor,  
que todo esse conjuncto esplendido saira  
das mãos de Visuacarma, o angelico esculptor.



## NUPCIAS PAGÃS

(O CANTICO DOS CANTICOS HINDÚ)

(Versão)

—

Yavana

No mar desponta a lua, e lenta sóbe  
as amplidões do ceu; a haste balsamica  
do divino *cussáh* ergue-se airosa  
e as noctivagas brizas das montanhas  
vem refrescar a terra.

Mas que sombra  
deslisa na floresta, tão suave  
que nem sequer desperta o brando somno  
da pomba no seu ninho? Ó minha amada,  
és por ventura tu que vens matar-me  
esta sede d'amor, que me devora?

A minha amante é pura, immaculada:  
ninguem inda colheu as castas flores  
da sua encantadora primavera.

Em todo o Madurà ninguém de certo conseguiu pôr os olhos no seu rosto, nem ouvido nenhum vibrou ainda ao murmurio da sua voz querida.

Lá no fim da floresta consagrada habita a minha amada, junto ao lago tapetado de lódano. Se á tarde ou ao romper da aurora a minha amada mostra no banho as suas fórmãs bellas sentem zelo os espiritos das aguas.

É doce como o olhar d'uma vitella o seu olhar que o mar e o ceu reflete; o aroma da sua bocca é mais suave que o suave perfume de Upacarma, e d'Imaús o mel menos fragrante que dos seus labios o halito abrazado. O seu porte é distincto, e nos recorda um fino lyrio entre as incultas grammas, e tem o seu andar a graça, o encanto do gracioso andar d'uma gazella, e a sua voz lembra as divinas musicas que dos ceus d'Indra aos nossos sonhos descem.

Murmuravam regatos, entoava canticos o *bulbul*, e a pomba arrulhos; e a minha amante disse-me:

«Esta noite

Eu deixarei os meus paternos lares para em teu seio descansar tranquilla.»

Mas onde estará ella? O nosso leito

mandei cobrir d'aromas e de flores  
e fiz erguer um tálamo condigno  
da sua branca, immaculada tunica.

Mas rapida nos ceus a lua avança  
e projectam-se a leste, e vão lastrando  
as sombras dos enormes elephants;  
porém não oiço ainda os passos d'ella.

Ó ventos que abalae os mares turgidos  
e que sopraes os areaes candentes,  
brisas da noite que dos bosques longos  
daes á folhagem languidos murmurios,  
se encontrastes a minha doce amada,  
dizei-me, quem a affasta dos meus braços?  
que força a prende?

Mas que sombra passa  
por entre as floreas moitas tão de leve  
que nem sequer perturba o brando somno  
da pomba no seu ninho?

Ó minha amada  
és por ventura tu que vens matar-me  
a sêde d'este amor que me devora?

Nurvady

No mar desponta a lua, e lenta sóbe  
as amplidões dos ceus; a haste balsamica  
do divino cussah ergue-se airoza;  
e as nootivagas brisas das montanhas  
vem refrescar a terra.

Que murmurio  
passa nas floreas moitas, tão de leve  
que nem sequer perturba o brando somno

da pomba no seu ninho? Oh! é de certo  
do meu amante a voz que me convida.

Junto d'elle, n'um talamo de flôres  
que insaciavel ventura!... Sim eu corro  
que me devora a sêde dos seus beijos.

As minhas vestes virginaes, purissimas,  
será elle o primeiro a desatal-as,  
e hei de sentir vergar-me como um junco  
nos seus robustos, vigorosos braços.

Como a pomba que vôa pressurosa  
ao silencioso tronco da palmeira  
onde os filhos deixou e os seus amores  
assim doida d'amor a ti eu vôo.

Eu tinha adormecido n'este instante  
e a tua voz veio bater-me á porta;  
em perfumes banhei as minhas vestes,  
de perfumes ungi o corpo e as tranças,  
e sahi, apesar d'esta cacimba  
que as flôres molha, e dos sinistros echos  
que me faziam n'alma o vento e as aguas,  
no bosque umbrio e nos regatos múrmuros.

Virgens de Pindhawar e Valdahor,  
dizei-me, conheceis o meu amante?  
Elle tem a elegancia da palmeira,  
seus cabellos são longos e abundantes,  
o seu formoso olhar é tão suave  
como o suave olhar d'uma gazella,  
e os seus labios escaldam-me, se acaso

elle me beija o seio palpitante.  
Como elle é bello, e o seu amor me endoida!

Das flôres do jardim hei de tecer-lhe  
uma grinalda para os seus cabellos.

Sua bocca parece que distilla  
um balsamo mais dôce que a ambrozia,  
e a voz é tão melodica e sonora  
como a d'um elephante pequenino.

Desde que o vi, desde essa vez primeira  
(elle era o mais formoso, entre os formosos)  
meu coração cahiu-lhe aos pés rendido;  
varou-m'o o seu olhar de lado a lado.

E eis que n'aquelle instante estranhas musicas  
puzeram-se a cantar-me dentro d'alma;  
meu seio palpitou, e ignoto jubilo  
fez o meu ventre estremecer fecundo;  
e dos meus olhos deslisaram tépidas  
d'um casto amor as lagrimas primeiras.

E eu disse ao meu esposo:  
Espera-me hoje,  
sobre o teu leito perfumado e flórido  
quero estender minha virginea tunica.

Sei que ha de estar agora á minha espera;  
vai a sua presença socegar-me  
e acalmar-me este ardor seus beijos soffregos.

Vós que me achaes aqui a taes deshoras,  
sylphos que vos banhaes no fresco orvalho,

não indagaes de mim aonde corro,  
a que regiões minha paixão me arrasta?

Ouvis esse ruído, que além passa  
por entre as floreas moitas tão de leve  
que nem sequer perturba o brando somno  
da pomba no seu ninho?

É o meu amante  
que aos nupciaes amores me convida.

Yavana

Nurvady, Nurvady, és tu acaso  
que, fiel ás promessas que fizeste,  
vens estreiar o tálamo de flôres,  
juntas n'um longo beijo as nossas boccas,  
e os corações unidos n'um amplexo?

Nurvady

Sou eu de Pindhawar a casta virgem  
que fiel ás promessas que escutaste,  
venho estreiar o tálamo de flôres,  
juntas n'um longo beijo as nossas boccas,  
e os corações unidos n'um amplexo.

Yavana

Oh! como és bella! como tu és bella!  
como o teu corpo é agil e flexivel!  
os teus seios parecem duas pombas  
batendo sobre o ninho as azas brancas.



---

Nurvady

Ó meu amante, como tu és bello!  
oh! como tu és forte e vigoroso.  
Eu sou como a orchydia que se enrosca  
da arvore sandalo ao robusto tronco,  
e se deixa banhar no seu perfume.

Yavana

Embriaga-me o nectar dos teus labios!  
eu sou a abelha d'essa flor purpurea.  
Palpita-me nos braços o teu corpo!  
oh! como o teu amor é delicioso.

Nurvady

Perto de ti eu sou estranha a tudo,  
ignoro tudo quanto vae na terra:  
meus olhos cegam, meus ouvidos fecham-se!  
Pois que me importa o dia, a flor, os fructos,  
a vida que me importa? É sol lá fóra?  
cantam aves no bosque? as fontes correm  
até o oceano, n'um murmurio brando?  
que me importa tudo isso? Amo-te, e morro  
de amor n'esses teus braços, meu amante.

Yavana

Escuta, Nurvady, amiga, esposa,  
deixa pôr a cabeça no teu collo;  
esquece por instantes lar, familia,  
deixa que o teu amor nos abra as portas  
d'uma existencia nova. Oh! como és bella!

Nurvady

Eu não ouvia, e déste-me os ouvidos,  
eu era cega e os olhos meus abriste,  
tinha o coração mudo... e eil-o eloquente!  
Meu dôce amor, ó meu esposo amado,  
ha de este immenso affecto pertencer-te,  
emquanto a voz fôr dada aos cordeiritos,  
e fructos ás pomíferas florestas;  
emquanto o Ganges escoar no oceano;  
emquanto a lua esclarecer a terra,  
e Deus reinar nas celestiaes espheras.

## O AMANHECER

O sol ergue no Oriente o rubro pavilhão,  
accorda na floresta um vasto murmurio,  
vão gravemente entrando os bufalos no rio,  
e ao longe ouve-se a voz do estridulo pavão.

Fulgem inda no céo as ultimas estrellas;  
recolhem-se aos covis os tigres e as pantheras;  
e emquanto a aurora espanta as sanguinareas féras,  
deixam a selva escura o antilope e as chitellas.

Accordam na marinha, ao frigido terral,  
o pavidó resboque, e as céleres marrecas,  
o chimpanzé invade o bosque das arecas,  
e o saguim baloiça o trémulo juncal.

Os papagaios vão em bando saborear  
com o recurvado bico o succo das bananas,  
e co'o cantaro ao lado alegres aldeanas  
vão despertar cantando os echos do palmar.

Galga o indio ligeiro os caules das palmeiras  
e guarda, gota a gota, o sôro delicioso;  
ondula os arrozaes o vento caprichoso,  
e erguem o vôo altivo as aguias nas clareiras.

Equilibram-se no ar os milhafres em bando,  
como um docel extenso armado nos espaços,  
agita o mangueiral os vigorosos braços  
e sahem dos myrthaes os passaros cantando.

Ouve-se na alameda o canto do bul-bul  
e abrem-se á luz do sol os brancos mogareiros,  
e as garças vão buscando as balsas e os salgueiros  
como flocos de neve, esparsos pelo azul.

O matinal clarão scintilla nas correntes,  
onde se vão banhar as languidas marathas,  
cahem ruidosamente as múrmuras cascatas  
e silvam no deserto as lubricas serpentes.

Andam pelo arecal, de ramo em ramo, as gralhas,  
nas flores vão poisar as grandes borboletas;  
e a brahmane perfuma as longas tranças pretas,  
emquanto o sol ateia as rubidas fornalhas.

---

D'aqui a nada o calôr ao seu pensar estranho  
trará aureas visões, miragens luminosas,  
e ella, soltando ao vento as tranças setinosas  
irá gosar n'um lago as commoções d'um banho.



## SÉSTA

O sol deixou ha muito os horisontes baços;  
para adorar na sombra o Brahma Omnipotente,  
emquanto o sol baixava, o indio reverente  
ajoelhou em terra e levantou os braços.

Como o rudo lidar prostrou seus membros lassos,  
foi demandar descanso ao thalamo indigente.  
No entanto chega a noite, e surge lentamente,  
alphange ensanguentado, a lua nos espaços.

Na varanda real o athletico Radjá,  
deitado mollemente em flacida ottomana,  
a longos tragos sorve o delicioso huka.

A volupia lethal do seu olhar emana,  
e deitada a seus pés uma formosa indiana  
agita suavemente as borlas do panká.





## O RAPTO DA VIUVA

### I

Sahiu ao romper d'alva o prestito funereo.

Como se dominasse um lugubre mysterio  
os animos do povo, o cortejo ia mudo.

Iam de pé descalço e aspeito carrancudo  
os padres, murmurando as orações e as preces.

Como o rijo suão inclina as fartas messes  
assim á longa turba a dôr curvara as frontes.

A silenciosa téla azul dos horisontes  
reproduzia os tons variados das opalas.

O prestito seguia em taciturnas álas.

## II

Tinham um soturno aspecto  
as montanhas calcinadas,  
havia um resto de ossadas  
e de cinzas pelo chão.  
Sobre enormes pedras negras  
ardiam grossos madeiros,  
e a resina dos cajueiros  
tornava intenso o clarão.

Era a pyra monstruosa  
onde o cadaver ardia;  
a aragem humida e fria  
ateava-a mais e mais,  
e a festa, entre psalmos funebres  
e longas preces votivas,  
dava aos seus rudes convivas  
umas expansões brutaes.

Immensas linguas de fogo  
iam lambendo os espaços;  
havia uns tons verdes-bassos  
como manchas pelo azul.  
Accordara a natureza,  
e d'entre as moitas fragrantas  
surgiam notas vibrantes  
dos canticos do bul-bul.

A aragem vinha trazendo,  
contraste ás mortuarias festas,  
os murmurios das florestas  
e as matutinas canções;

---

e na pyra fumegante,  
a cada phrase solemne,  
cahiam, caudal perenne,  
os oleos e as orações.

Na sua branca mortalha  
a viuva espera attenta,  
e a hora deslisa lenta,  
e o momento sem chegar!  
Santo Deus, tantos preludios  
para a lançar mesmo em vida  
n'essa fauce escandecida  
que se abre para a tragar!

## III

N'isto um tropel d'ousados cavalleiros,  
como phalange intrepida e guerreira  
de phantasmas velozes, estacando  
em meio dos attonitos convivas  
da funeraria festa, espanto e medo  
vem semear nos animos de todos.

Rompe a fuga. Vergastas entrançadas  
zurzem os flancos dos que menos lestos  
mal podem arrastar tropegos passos.

Uns galgam as escarpas dos oiteiros,  
com mãos e dentes segurando o solo.  
Outros mais longe, aos mastros das palmeiras,  
trepam, bando veloz de mónos pardos.

Choro, alarido, prantos suffocados  
ressôam pelos concavos dos montes,  
atroando a floresta e os valles fundos.

No entanto o chefe da invasora tropa  
toma a viuva nos braços vigorosos,  
senta-a nos coldres desmaiada, inerme,  
encosta-a carinhoso ao peito forte,  
e á sua voz eis que de novo parte  
por montes bravos o esquadrão brilhante.

## AURÚ

Odeias-me! e és tu que o dizes  
na tua franca linguagem!  
Cedo se extingue a miragem  
que sorri aos infelizes.

Odeias-me e no entretanto  
ha longos annos que vivo  
bem voluntario captivo  
d'esse teu fatal encanto.

No meu viver tão agreste  
o ar que tu respiravas  
vinha atear estas lavas  
que no meu peito acendeste.

Tinha ciumes de tudo,  
de tudo que te cercava,  
da gente felina e brava  
d'aspecto felino e rudo,

que no meio da opulencia  
só pensavam nos seus gozos,  
raça de corvos gulosos  
cevando-se na innocencia.

Esperiei que um dia cedo  
eu acharia alguma arte  
de poder inda salvar-te  
do teu horrivel degredo.

Queria fosses emfim  
a minha noiva querida,  
o enlevo da minha vida,  
a propria essencia de mim.

Por isso ao vêr-te liberta  
senti minha alma alegrar,  
como um subito luar  
que innunda a praia deserta.

Casta irmã de Sacuntála,  
ó nobre filha dos áryas,  
dá-me febres incendiarias  
o odor que o teu seio exhala.

---

O arroio de luz suave  
que do teu olhar deslisa  
a minha alma suavisa  
como o dôce olhar d'uma ave.

Mas se o teu olhar scintilla  
funde-se-me o coração,  
onde me acende um vulcão  
a luz da tua pupilla.

E odeias-me! e és tu que o dizes  
na tua franca linguagem!  
Cedo se extingue a miragem  
que sorri aos infelizes!





## O PÁRIA

Envolvia-lhe o craneo escanhado  
um immundo farrapo,  
e á luz do sol luzia aquelle corpo,  
viscoso como um sapo.

Tinha no rosto pallido e alongado  
não sei quê de bul-dog;  
o seu olhar scintilações sinistras,  
como o olhar d'um thog.

Passara, havia pouco, a côrte immensa  
d'um bispo potentado,  
como uma extensa procissão de gallas,  
deslumbrando o povoado.

Formavam o gentilico cortejo  
os palanquins brilhantes,  
levando á frente os lentos dormedarios,  
e enormes elephantes.

Vendo o reptil na estrada, os batedores,  
passando adiante, ao trote,  
como a um rafeiro hydróphobo o enxutaram,  
a ponta de chicote.

Obedeceu sem queixa o desgraçado,  
e afastando-se uns passos  
viu desfilar o esplendido cortejo,  
crusando os magros braços.

Era já posto o sol, aproximei-me  
do pobre parasita :  
o seu corpo imitava o todo immundo  
d'um monstro que dormita.

Mal me viu encarou-me fixamente,  
e pediu-me dinheiro :  
« Tenho fome » — me disse ; não comia  
havia um dia inteiro.

E vendo que de pronto lhe estendera  
a esmola supplicada,  
apontou com o dedo, humildemente,  
as arêas da estrada.

Deixei cair a prata, e elle arrastando-se,  
n'um jubilo completo,  
levantou-a do chão com os grossos labios,  
como um chacal abjecto.



## A NOITE DO NOIVADO

Vão vêr a festa as turbas pressurosas  
desertando os mercados e os bazares,  
e no rio fluctuam, ondulosas,  
as bandeiras d'estofos malabares.

Durante a noite, entre canções e rosas,  
os noivos chegam aos festivos lares,  
e quaes fulvas serpentes luminosas  
as girandolas surgem dos palmares.

Do sol nascente aos matinaes alvares  
adormecem nos longos corredores  
os echos do *viná* e do *mordanga*,

e a noiva, co'um sorriso malicioso,  
descalça aos pés do leito sumptuoso  
a mimosa sandália de missanga.



## ORIENTAL

Ninguém sabe amar mais forte  
do que os reptis e as pantheras;  
assim, flor das primaveras,  
o doido amor que tu sentes  
é qual amor de serpentes,  
o lúbrico amor das feras.

Para um amor como o teu  
o mundo não tem espaços;  
tenho já os membros lassos,  
sinto a cabeça esvaída!  
tanto amor, tão curta a vida!  
julgo morrer nos teus braços.

Tu és tudo quanto tenho,  
meu amor, minha consorte;  
sou inda moço e sou forte...  
porém cada beijo teu  
é um vôo para o céu,  
mas um passo para a morte.

Sim, tu és a minha pomba,  
tu és a minha serpente;  
arde o fulvo sol do Oriente  
n'esse teu divino olhar!  
Se me não queres matar,  
beija-me mais docemente.

Teus beijos são como brazas,  
tenho o meu rosto tisonado,  
e sinto o peito abraçado  
nos mais ardentes desejos!  
toma conta nos teus beijos,  
não quero morrer queimado.

Quero beber no teu seio  
da vulupia o filtro ardente;  
quero sentir doidamente  
esta febre em que me abrazas!  
Pomba, abre-me as tuas azas,  
morde-me as carnes, serpente!



## A VALENTINA DE LUCENA

(A PROPOSITO DO PSEUDONIMO)

Tens a fronte cingida de laureis  
e o seio a rescender um grato aroma,  
como o aloés que a côrte de Mafoma  
esparge nos turbantes dos seus reis.

Occultas como a garça o collo branco  
entre as plumas das azas perfumadas,  
não vês que o rio d'aguas prateadas  
vem denunciar teu riso alegre e franco.

Não sabes que nas varzeas onde trilha  
teu pé, primor de gosto e de belleza,  
ficam até as grammas da deveza  
impregnadas de sandalo e baunilha.

Bem se vê que é divina a tua casta ;  
és brahmane talvez, brahmane pura ;  
nasceste nos jardins de Singapura  
e embalaram-te as brisas de Madrasta.

Ungiu-te o seio o nardo de Chaúl  
e os mélicos perfumes de Golconda,  
és imponente e altiva como a onda  
que banha os verdes flancos de Stambul.

Roubaste ao céu do Oriente o sacro lume,  
e áquella natureza viridente  
arreataste a urna transparente  
onde a myrrha guardava o seu perfume.

Não encontras aqui onde te acoites,  
nem veu discreto que te occulte e esconda ;  
trazes nas mãos rubis de Trebisonda  
e no olhar o esplendor d'aquellas noites.

Que vale o veu da casta mussulmana,  
e a cambraia no rosto da judia  
quando um gesto sómente denuncia  
o todo encantador d'uma sultana?

.....  
Como os persas que os raios da manhã  
saúdam quasi em extasis immersos,  
quíz saudar-te tambem n'uns pobres versos  
deitado no meu flacido *divan*.

## CANÇÕES DO BERÇO

(FRAGMENTO)

Á noite, minha mãe, ao berço placido,  
onde eu dormia o somno de innocente,  
vinha embalar-me ao som de meigas trovas  
d'uma tristeza infinda. Que saudades  
d'aquellas notas, mãe, d'aquelles canticos  
com que tu me ensinaste a amar as dôres.

Mais tarde, á beira do arrozal ondeante,  
ias sentar-te á sombra da palmeira,  
melançholica e triste, e eu pequenino  
ia alegre brincar no teu regaço,  
pedindó me cantasses essas trovas  
com que me acalentavas no meu berço.

Era comnosco a minha irmã querida,  
dos meus brinquedos companheira unica.  
Como ella te escutava! aquelles olhos  
azues, como a amplidão do céu profundo,  
brilhavam, á expressão de cada nota  
d'aquelles cantos tristes e saudosos,  
d'uma oriental e langue melodia.

Rosa de neve, esplendida creança,  
loira visão que a mente inda me sonha!

.....

Hoje tudo se foi : irmã, esp'ranças,  
planos que a mente no porvir traçara!  
E tu, ó mãe, ausente dos meus olhos,  
nem me deixas ouvir a dôce musica  
da tua voz cariciosa e triste.

Porém ás vezes nos meus sonhos lembra-me  
de tudo qué foi meu e me negaram,  
e essas canções tão dôces, tão sentidas  
oiço-as ainda, e choro de saudade!

1873.

POLYCHORDON



A MEU TIO

LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE





## O PÔR DO SOL

Nas alamedas sombrias,  
sob um docel d'arvoredos  
quantos intimos segredos,  
quão profundas alegrias!  
Á luz d'um sol lacteo e brando  
vão os dois confidenciando,  
nas alamedas sombrias.

Vinham vindo as andorinhas,  
d'alguma excursão distante,  
ao effluvio inebriante  
do longo bosque das pinhas.  
Com o sol que os lyrios gera,  
sequiosas de primavera,  
vinham vindo as andorinhas.

Ia uma festa chilrada  
nas ramarias espessas,  
umas creanças travêssas  
retouçavam-se na estrada;  
e longe d'estranhos gosos,  
n'aquelles sitios umbrosos  
ia uma festa chilrada.

O que diriam os dois,  
tão presos d'aquelle encanto,  
na voz, preludio d'um canto,  
no olhar, essencia de sóes?  
N'aquelle extase profundo  
que resume a terra, o mundo,  
o que diriam os dois?

Segredadas confidencias,  
mil poemas incompletos,  
dilatação dos affectos,  
murmurio de consciencias!  
N'essas expansões tão santas  
ai! quem sabe quantas, quantas  
segredadas confidencias!

Ás ramarias extensas  
o sol, branqueando a folhagem,  
dava o aspecto selvagem  
de espumadeiras immensas;  
e aquella hora triste e grave,  
punha um murmurio suave  
nas ramarias extensas.

Como um rebanho d'ovelhas  
as nuvens iam passando,  
como se as fossem guiando  
presas com fitas vermelhas.  
Que lãs macias, doiradas!  
lá iam enfileiradas,  
como um rebanho d'ovelhas.

O sol, o artista sublime  
que d'uma gota incolor  
fórma um diamante, e um primor  
de quanto se lhe aproxime,  
brincava pelas alfombras  
dispondo côres e sombras,  
o sol, o artista sublime.

E elles sempre indifferentes,  
pois que na terra não viam  
mais que os poemas que diziam  
seus olhares eloquentes!  
Ha sorrisos na verdura,  
cantos, festas na espessura...  
e elles sempre indifferentes.

Que importam estranhas festas  
e alheio contentamento?  
que haja soes no firmamento  
e musicas nas florestas?  
A quem traz n'alma concertos,  
astros, risos, céos abertos  
que importam estranhas festas?

Riem-se do amor!... do amor,  
que desde as eras primeiras  
prendeu gerações inteiras  
ao seu jugo seductor.  
Vendo a natureza toda  
em perenne, eterna bôda  
riem-se do amor... do amor!

O que é o amor senão isto:  
—pollen, fecunda os palmares,  
germen, enxameia os mares,  
beijo, produz Goethe ou Christo.  
O amor cria, gera, lida;  
movimento, força, vida,  
o que é amor senão isto?

Produz as Biblias e os Vedas  
o amor em cantos sublimes,  
gera as virtudes e os crimes,  
inspira os vôos e as quedas;  
e ensinando á humanidade  
paz, união, fraternidade,  
produz as Biblias e os Vedas.

De certo os dous não pensavam  
em nenhum d'estes conceitos;  
iam indo satisfeitos  
com as prisões que os ligavam.  
Como a natureza immensa,  
que enquanto cria não pensa,  
de certo os dois não pensavam.

Nas alamedas sombrias  
sob um docel d'arvoredos  
trocavam dôces segredos,  
dulcissimas alegrias.  
E assim iam embebidos,  
vagabundos e perdidos  
nas alamedas sombrias.

Subito o sol no horisonte,  
como granada que estoira,  
expluse, e com os raios doira  
mar, estradas, bosques, monte!  
Como explosão de diamantes  
rebenta em jorros brilhantes  
subito o sol no horisonte.

E n'um tristissimo adeus:  
— « olha o sol que nos despede,  
— disse-lhe elle, ó filha, pede,  
pede tu por mim a Deus ».  
E olharam-se com anciedade...  
Que poemas, que saudade  
n'esse tristissimo adeus.



## A VICTOR HUGO

Gigante, semi-deus, ó pensador sublime,  
apostolo do amor, e látego do crime,  
tu que roubaste a luz aos fúlgidos cometas  
para engastar em fogo a lyra dos prophetas,  
que ao mar pediste o abysmo, e a voz á tempestade,  
escuta: — em torno a ti palpita a humanidade.

A tua voz que falla a angelica linguagem  
da esp'rança e do conforto, ás vezes na voragem  
do pensamento humano inflamma-se e esbraveja,  
como um trovão, no espaço immenso que negreja.

Quando te ouço fallar das coisas magestosas  
que vão no teu pensar, como visões grandiosas  
de tudo que o ideal humano não prescruta,  
sente minha alma então não sei que estranha luta.

Tu sabes descrever o affecto das creanças,  
e o embate febril das infernaes pujanças;  
o alegre refflorir das roseas primaveras,  
e as luctas collossaes dos monstros e das feras;  
o riso salutar das tremulas balseiras,  
e o riso sepulchral, gelado, das caveiras;  
o canto com que embala as ondas o alcião,  
e o soturno raivar convulso do tufão.

Se a tua voz sublime escuto, quando scismo,  
vejo o céo irradiar-se, e estremecer o abysmo.



## PAIZAGEM

O campo dorme; ao fundo o Tejo somnolento  
scintilla á branda luz do luar que o innunda;  
adormeceu, ha muito, a turba vagabunda,  
e ouve-se a nora, ao longe, arfar como um lamento.

Vasto, como o luar, e como o pensamento,  
expande a natureza, esplendida e fecunda,  
a sua grande voz, a sua voz profunda,  
á luz que os astros mil baixam do firmamento.

Na estrada, muito além, soluça uma guitarra;  
nos arbustos crepita o canto da cigarra;  
pia o mocho aldeão no escuro laranjal;

e no lymvido azul dos céos, de quando em quando,  
entre nuvens d'arminho a lua vae rolando,  
como por sobre a neve um globo de crystal.

Pinteus.



## ACCORDAS COM AS FLORES

A L. D'A.

Dois poemas de luz: mocidade e innocencia,  
dois thesoiros que Deus concede á tua idade;  
vasos feitos d'amor, urnas da castidade  
onde a virtude guarda a perfumada essencia.

Surriem-te em botão as rosas da existencia;  
que inda distantes vem os lutos da saudade!  
lê-se do teu olhar na casta suavidade  
quanto é placida e justa a tua consciencia.

Gósto de te vêr boa e crente. Um teu sorriso  
é flor que desabrocha ao pé d'um paraíso,  
a tua alma uma luz que se expande tranquilla.

E eis-aqui porque, apoz um somno socegado,  
accorda o teu olhar sereno, e immaculado,  
quando a aurora descerra a lympida pupila.



## CONTRASTE

Quem póde resistir aos filtros d'esse olhar  
que a vista nos deslumbra, ó dôce creatura?  
quem olhou para ti, e não sentiu vibrar  
toda a sua alma, abrindo as portas á loucura?

Eu vejo a multidão seguir-te deslumbrada,  
como as garças abrindo as azas á alvorada,  
e os pavões saúdando o despontar da aurora.  
Ao sentir o esplendor da tua formosura,  
ó Natércia, ó Beatriz, ó minha dôce amada,  
quem póde resistir, quem é que não te adora!

Com tudo a tua voz é o silvo da capêllo;  
como harmonia attrae, como veneno mata,  
e são as espiraes do teu negro cabelo  
a rede que prendeu a minha alma insensata.

Ha perfidias lethaes no teu olhar fulgente,  
nos teus labios o fel da lubrica serpente,  
traições de corcodilo, e enleios de sereia!  
Pobre mulher perdida, ó creatura ingrata,  
ao lêr nos penetraes d'essa alma impenitente,  
quem não gela d'horror? quem é que não te odeia?

## AVÈ MATER

Á MINHA PRIMA A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. ALINE DE VASCONCELLOS GUSMÃO

Dizem-me que é bom ter filhos,  
porém não têl-os melhor;  
mas quem nunca achou superfluos  
os filhos do seu amor ?

Tantos filhos que tu tens  
acaso algum maldisseste ?  
Dá-te Deus em cada filho  
uma perola celeste.

Quantos mais fructos tem a arvore  
mais ella vale : assim és !  
Que elles se te multipliquem  
junto de ti, e a teus pés.

N'uma roseira bonita  
quantas mais rosas melhor,  
por isso eu ao vêr-te penso:  
« É uma roseira em flor ».

Que Deus proteja os teus filhos  
e lhes dê o mesmo Deus  
um dia mais de ventura  
em cada beijo dos teus.



## NO ALTO MAR

Nem principio nem fim! O mar e o céu unidos  
n'um transparente globo, enorme, cravejado  
de cardumes d'estrellas.

Um murmurio suave: o echo dos gemidos  
que ao longe as ondas vem soltando no teclado,  
onde mais tarde irão palpitar as procellas.

No immenso lago a espuma, em franjas prateadas,  
branqueia o curvo dorso ás limpidas boiadas  
de mugidoras vagas,  
que vão pastar ao longe ás solitarias plagas  
do múrmuro deserto.

No immenso mar soluça o aquatico concerto.

Em todo o vasto oceano apenas uma véla...  
Na aurea, purpurea téla  
nuvens que vão descendo  
desenham sobre o azul o seu contorno escasso.

E no extremo horisonte  
surgem, os céos fendendo,  
do crescente da lua as curvas pontas d'aço.

Atlantico, 1872.

## AO LUAR

Desabrocham no vasto firmamento  
as doiradas corollas das estrellas;  
chora n'um triste e lugubre lamento  
o moinho, agitando as brancas vélas.

O lavrador depõe o tosco arado,  
companheiro das ásperas fadigas;  
e ouve-se ao longe o echo prolongado  
das alegres canções das raparigas.

A noite emmudeceu o campo e as eiras,  
e o pintasilgo, aligero poeta,  
escuta sobre as frescas amendoeiras  
o idylio de Romeu e Julieta:

— « Maria, como tu farás inveja  
quando sahires com o teu vestido! »

— « E quando nós voltarmos da igreja e me ouvirem chamar-te meu marido ! »

— « Se eu nunca te encontrasse, tentadora, nunca mulher nenhuma eu amaria. »

— « E a mim só tua mãe chamava nóra, isto tão certo como eu ser Maria. »

— « Oh ! como ha de ser bom ! N'uma casinha eu, tu, e a nossa mãe, velhinha santa ! »

— « Olha ! . . . é verdade ! . . . é tua mãe e é minha ! sinto tanta alegria, tanta, tanta ! . . . »

E a lua que prateia os arvoredos  
rompe as préguas da nuvem côm de rosa,  
e escuta aquelles intimos segredos,  
loira cabeça a espreitar curiosa.

E essa mãe de quem fallam os amantes,  
na penumbra do albergue solitario  
passa por entre os dedos vacillantes,  
uma por uma, as contas do rosario.

## AS SEVILHANAS

A FERNANDO CALDEIRA

Ellas são como as nuvens, meu Fernando,  
nuvens de gaza e purpura franjadas ;  
o mesmo vento as traz e as vae levando,  
como os longinquos echos das balladas.

São como as andorinhas : vem buscando  
o conchego das tépidas pouzadas,  
e vão com o fulvo olhar avassalando  
as turbas que as contemplam deslumbradas.

Os leques, como grandes borboletas,  
bebem o dôce aroma das violetas  
nos alvos seios d'ellas palpitantes.

Mas, affeitas aos circos e ás touradas,  
as suas mãos pequenas, delicadas  
ferem á espada o peito dos amantes.



## LÉSBIA

Não ha olhar mais dôce,  
nem mais formosa bôcca,  
nem mais suave e etherea formosura;  
porém no olhar d'essa creança louca  
nem o reflexo d'uma creança pura!  
É como se elle fosse  
talhado em pedra dura.

Aquelle seio d'ella, essa riqueza  
que não tem outro igual em toda a terra,  
aquelle coração onde ella encerra  
tão gelados desdens, tanta frieza,  
aquella bôcca, a coralinea taça,

que pede beijos e recusa dal-os,  
aquelle altivo olhar que faz vassallos  
por onde passa,  
todos esses prodigios de belleza,  
todo esse immenso abysmo da desgraça,  
quem os quizer possuir... ha de compral-os!



## ESPUMAS

A JOSÉ GARCEZ

Tem o frescôr da nata a sua tez mimosa,  
inveja dos jasmíns, rival das açucenas;  
e aspira-se ao pé d'ella a essencia mysteriosa  
que só guardam no seio os lyrios e as verbenas.

Ha n'ella a transparencia etherea, luminosa  
d'esse luar que innunda as noites madrilenas;  
e eu não sei bem contar-te o prazer que se gosa  
ao tocar no setim das suas mãos pequenas.

Quero bem crer que a mão d'um primoroso artista  
o seu corpo talhou n'um blóco de crystal  
cujo intenso fulgor nos deslumbrasse a vista;

e que, vendo-a tão bella, ousado Prometheu,  
querendo completar a obra d'um rival,  
lhe deu por vida a luz que arrebatou ao céo.



## CÓMMODO

### O IMPERADOR ROMANO

Emquanto davam caça ás feras carniceiras nos theatros de Roma, o imperador valente decepava a cabeça ás aguias altaneiras co'a fina setta armada em fórma de crescente.

Outras vezes porém a festa era real, e Cómmodo, descendo á arena ensanguentada, com o poder do seu braço indomito e brutal vencía o elephante á ponta d'uma espada.

E nos hombros lançando um manto de panthera, descalço e seminú, d'um golpe só, prostrava co'a rija massa informe a mais possante féra trazida d'Hyrkania, ou dos juncaes de Java.

No intervallo da lucta uma mulher formosa  
trazia-lhe o phalerno em lymvido crystal,  
e elle beijava á deusa a bôcca voluptuosa,  
como quem bebe o alento em taça de coral.

E Roma inteira, erguendo um brado d'alegria  
electrico, febril, ao rei dos gladiadores,  
emquanto sobre a arena a fera se estorcía,  
lançava aos regios pés as ovações e as flores.

Mas instantes depois, aquella multidão  
tinha de subjugar os impetos tyrannos,  
quando viam na praça o corpo d'um irmão,  
crivado de punhaes nas mãos dos pretorianos.

E no imperial salão a desgrenhada orgia  
saboreava a volupia em taças crystalinas,  
e dava commoções d'impudica alegria  
ás torpezas d'Anthero, e á voz das Concubinas.

## VIS-Á-VIS

(HUMORISMO DE ESTUDANTE)

Visinha dos olhos pretos,  
tens um cabelo formoso,  
e uns sorrisos tão discretos  
que ás vezes busco e não ousa  
endereçar-te uns sonetos.  
Roubas-me o somno e o repouso  
visinha dos olhos pretos.

As ondas do teu cabelo  
tão negro e tão opulento,  
que são todo o teu disvelo  
e dos quaes eu vivo attento,  
dão graça ao teu rosto bello ;  
porém são o meu tormento  
as ondas do teu cabelo.

Eu fujo ás ondas do mar;  
nunca fui bom marinheiro!  
mas quizera naufragar  
n'essas ondas, onde o cheiro  
das rosas me faz scismar.  
N'essas ondas sou barqueiro;  
mas fujo ás ondas do mar.

Esse mar não tem baixios  
nem rochedos perigosos;  
tem a frescura dos ríos  
e dos lagos silenciosos.  
Tem suaves murmuríos  
e uns cantos deliciosos  
esse teu mar sem baixios.

Quando solto o teu cabelo  
pelas espaduas de neve,  
como é delicioso vê-lo  
beijar-te a cintura breve!  
Tão encrespado, tão bello,  
parece um penacho leve  
quando solto o teu cabelo.

O teu ninho é um conchego:  
é todo aceio e frescura.  
Quando noto o teu trasfêgo,  
ás vezes se me afigura  
ave armando com socego  
um ninho sobre a verdura!  
O teu ninho é um conchego!

Puz um espelho defronte  
mesmo da tua janella,  
e não sei bem se te conte  
o que elle descobre, ó bella,  
no teu placido horisonte.  
Eu puz-te uma sentinella:  
o meu espelho defronte.

Sigo todos os teus passos  
desde a saleta á cosinha,  
e ás vezes estendo os braços  
julgando achar-te, visinha,  
dentro dos curtos espaços  
d'esta saleta que é minha;  
e vou seguindo os teus passos!

Eu sei que tens um derricho  
que morre por ti d'amores;  
eu bem o sei; e é por isso,  
que tens na varanda flores  
e nos olhares feitiço.  
Porque finges tu rigores,  
se eu sei que tens um derricho?

Essas chinellas que bordas  
para mim não são de certo!  
e se inda bem te recordas  
foi elle, apesar de esperto,  
que se trahiu. Não te mordas!  
leio qual n'um livro aberto  
n'essas chinellas que bordas.

Porque ás vezes pensativa  
deixas dormir a costura?  
outras divagas esquiva  
o teu olhar pela altura?  
Fez-te acaso o amor captiva?  
porque andas pois, creatura,  
ás vezes tão pensativa?

Não andes tu illudida;  
olha que os homens são varios.  
Palavras, minha querida,  
ha muitas nos dictionarios.  
Não vale darmos a vida  
pelos nossos adversarios!  
Não andes tu illudida.

Se elle fosse teu amigo,  
quizesse a tua ventura,  
teria em ti um abrigo  
todo conchego e frescura.  
Porque não casa contigo?...  
do teu mal era essa a cura  
se elle fosse teu amigo.

Não digo que não tivesse  
muito ferro se casasses;  
mas quem espera adormece!  
E se a flor das tuas faces  
co'os annos se te esmorece?...  
Mas pena, se me faltasses,  
não digo que não tivesse.



Mas deixa-os lá, minha querida,  
deixa fallar os poetas;  
não póde reger-se a vida  
pelo *Almocreve das pêtas*,  
nem pede a hera florida  
conselhos ás borboletas.  
Deixa-os fallar, minha querida.

A amisade sã, perfeita  
vale bem toda a paixão;  
melhor que o amor se ageita  
a amisade ao coração,  
onde se prende e se estreita.  
Val'mais que um amor-vulcão  
a amisade sã, perfeita.

Não te prendam falsos brilhos;  
o amor mais tarde virá.  
Na amisade ha certos trilhos  
por onde ao amor irá  
o honesto pae dos teus filhos.  
Fantasias... deixa-as lá!  
não te prendam falsos brilhos.

Para te saber ditosa  
esconderei este amor  
que me inspiraste, formosa;  
e pedirei ao Senhor  
que te guarde intacta a rosa,  
o arminho do teu pudor,  
e que te faça ditosa.

E se o teu homem quizer,  
(olha, aqui tens um tinteiro;  
vou já um termo escrever  
e assignar-me por inteiro),  
desde já prometto ser  
padrinho do teu primeiro,  
se... se o teu homem quizer.

Coimbra — 1873.

## CASTIDADE

Um dia instei contigo que me desses,  
como prova do teu amor por mim,  
todas as castas flores que tivesses  
da tua alma no florido jardim.

Eras bastante livre então, e emfim  
podias ter cedido, se quizesse;  
mas ficaste valendo mais assim  
do que se por ventura me cedesses.

Ficaste para mim sendo sagrada,  
pois respeitaste essa virtude antiga  
por nós em nossas mães tão respeitada.

Não importa que o mal tente e persiga!  
A virtude é uma auréola immaculada,  
e tu és uma santa rapariga.





## NO CAMPO

Iam os dois namorados  
pelos atalhos, contentes,  
haurindo o effluvio dos prados,  
surrindo ás flores ridentes.

Tomavam pelos valados,  
miravam-se nas correntes,  
abrindo os seus brancos dentes  
n'uns sorrisos consolados.

Então, a minha alma absorta,  
entre o veu funereo e espesso  
d'uma esperança já morta,

ao vêr o casal risonho,  
teve saudades do sonho,  
sentiu invejas... confesso!



## Á ESPERA D'UMA CARTA

Vinham pela manhã auras suaves  
trazer-me um beijo teu,  
a harmonia dos canticos das aves,  
e uns perfumes do céo.

Hoje busca a minha alma inquieta e absorta  
— um despertar fagueiro,  
e espero ouvir bater á minha porta  
a voz do meu carteiro.

Mas em vão! Entre a duvida e a anciedade  
deslisa triste a vida!  
Chora-me dentro d'alma, da saudade  
a nota dolorida!

Coimbra — 1873.





# SYMPHONIAS DO AMOR

(1872-1873)



PRIMEIRA PARTE



## SYMPHONIAS DO AMOR

### I

Ha em tudo que faço um intuito secreto,  
uma ideia que é tua, um mundo que é só teu,  
até quando prefiro as fórmulas do soneto  
entre as mais fórmulas da Arte, esse eterno Protheu.

Bem sei que todo o molde é estreito e incompleto  
para ti; porque nunca a arte concebeu  
reproduzir (embora a inspire um santo affecto)  
co'as palletas da terra as creações do céo.

Eu podia evocar a Musa dos assombros,  
com o seu olhar de fogo, os seus eburneos hombros,  
seu corpo esculptural, prodigio semi-nú;

mas prefiro esta fórmula austera, simples, grave,  
por me fazer lembrar o teu corpinho d'ave,  
por ser despretençiosa e simples como tu.

## II

Ouso ás veces perguntar  
por ti ás flores que vejo,  
ás auras que vem do Tejo,  
ás brisas que vem do mar.

E ninguem póde saciar  
este meu simples desejo!  
É então que mais invejo  
todo o poder do luar.

Se eu fosse um raio de lua  
eu iria, sem receio,  
ao teu leito rendilhado

vêr-te sorrir semi-nua,  
beijar-te a curva do seio  
como um lyrio perfumado.

## III

Ha não sei quê de santo, e placido, e tranquillo  
no que eu sinto por ti —supremo bem-estar!  
o teu sorrir tão casto até faz bem sentil-o,  
é como a luz da lua acariciando o mar.

Minha estrella da paz, tu és na terra aquillo  
que eu mais respeito e adoro;—ha n'esse teu olhar  
a doçura que lembra as virgens de Murillo,  
á suave meia-luz dos cyrios d'um altar.

Estar perto de ti é como estar n'um templo;  
ajoelho-me a teus pés, adoro-te e contemplo  
n'um extase de fé teu rosto celestial.

Ergo as mãos para ti, e reso humildemente;  
e parece-me ouvir a musica fremente  
d'um orgão, inundando a extensa cathedral.

## IV

A tristeza enervante arrojou-a do meu peito,  
bebo no teu olhar — a luz da minha vida —  
forças para vencer; e acho santa guarida  
na paz d'um teu sorriso alegre e satisfeito.

Essas tristes visões que vinham ao meu leito  
confranger, aterrar minha alma confundida,  
affasto-as para longe, e adoro a flor querida  
que ignota mão plantou no meu canteiro estreito.

Ouçõ vibrar lá fóra a musica das festas;  
e enquanto vão florindo os prados e as florestas,  
e se enchem de perfume os verdes laranjaes,

sinto brotar-me n'alma as alegrias santas,  
como cantos de luz, como as robustas plantas  
que o sol faz rebentar nos climas tropicaes!



## V

Obrigado, meu Deus! Emfim, esfacellou-se  
o veu do sacro templo! Até que emfim, Senhor,  
a noite, a quem eu vira a escuridão precoce  
fugiu, como um bandido, á luz d'aquelle amor!

Ó astro da manhã, o teu olhar tão dôce  
desabrochou-me n'alma uma divina flor;  
no escuro firmamento um ponto azul rasgou-se,  
sorraste-me na altura, ó astro redemptor.

Eis no rútilo Oriente a aurora a reflorir;  
espanejam-se ao sol as aves da floresta,  
enchem-se de harmonia os ninhos, a espessura;

e eu, vendo a natureza esplendida sorrir,  
em extases contemplo a palidez honesta  
d'um lyrio que nasceu na minha sepultura.

## VI

Volto de novo á vida, ás festas do trabalho,  
canta-me dentro d'alma a musa do prazer;  
a rubra flor do mal abriu ao fresco orvalho  
o seio onde sentira a áspide roer.

Amor, eu devo a ti tudo quanto hoje valho;  
ao teu influxo bom transforma-se o meu ser,  
todo o passado inglorio, esqueço-o, amortallo  
na luz d'um teu olhar, angelica mulher!

Fez-se a luz! Este affecto immenso que me inspiras  
não é o tibio amor que em suspirosas lyras  
descantam os Romeus á lua, e aos rouxinoes.

É esse amor que leva á gloria, ao infinito,  
que faz d'um pária um rei, um justo d'um prescito:  
é o forte amor que inflama o peito dos heroes.

## VII

Por mais longe que tu vás  
não consegues o portento  
de vêr que o meu pensamento  
não te alcança aonde estás.

Elle era muito capaz  
de ir buscar-te ao firmamento;  
pois é mais leve que o vento,  
bem mais que as aguias sagaz.

Se a saudade me tortura,  
digo ao meu pensar: « procura »  
e eis que te vejo chegar.

Então canto, folgo, rio;  
e é assim que me sacio  
da sêde d'um teu olhar.



## IX

Vem arrancar-me ao d'ôce isolamento  
os misteres da vida arida e obscura;  
ando a tatear na minha noite escura,  
fluctua-me no vacuo o pensamento.

Concentro-me no acre soffrimento;  
pois só a luz do teu olhar, tão pura,  
podia erguer minha alma sem ventura  
do seu cruel e estranho abatimento.

Quando me sinto só, quantas lembranças  
não vem povoar-me, como alegre bando,  
os vastos inter-mundos da saudade!

Mas, realidade, de que céos me lanças!  
Vão-me os rudes misteres arrastando  
á soidão rumorosa da cidade.

## X

Vão as horas correndo silenciosas,  
e com ellas a vida ; que tristeza  
vêrmos curvada inteira a natureza  
a tantas leis fataes, vertiginosas !

Cahem os reis, e os mundos, como as rosas  
ao leve sopro cahem na represa ;  
some-se a gloria, apaga-se a belleza !...  
Que mão vos rege, ó forças mysteriosas ?

Aterra-me esta ideia : se ámanhã  
tu me faltasses, minha dôce irmã,  
o que seria então do meu futuro ?

Lembrança sepulchral, foge-me, passa !  
quando me vem á ideia esta desgraça,  
vejo tudo de roda escuro... escuro !

## XI

Não queiras tu saber os tristes soffrimentos  
que o teu amor me causa ; eu dou-me por feliz,  
e mesmo no rigor dos mais crueis tormentos  
meu pobre coração te adora e te bendiz.

Que havia de eu fazer, se lei fatal o quiz,  
a lei que lança ao mundo estranhos elementos ?  
No entanto, se o prazer me guarda alguns momentos  
é quando n'um olhar me animas e sorris.

Eu nunca imaginei tão intima ventura !  
Na sua propria dôr e na propria amargura  
encontra o meu amor o balsamo potente.

E se queres que eu volva á paz, á gloria, á vida,  
manda-me á solidão da minha alma abatida,  
como uma dôce esmola, um teu olhar clemente.

## XII

Que saudades eu sinto de te vêr,  
de respirar no perfumado ambiente  
onde respiras; pois de ti ausente  
para mim não ha festas, nem prazer.

Sinto-me desmaiar, desfallecer  
longe de ti, ó astro meu clemente,  
como nas orlas tristes do poente  
o sol que vae constante a decrescer.

É que tu és o sol da minha vida!  
a tristeza, a alegria, a dôr, o goso  
tudo de ti me vem, e a ti só devo.

Longe de ti, minha visão querida,  
procuro-te n'um extase ditoso;  
mas vou para buscar-te... e não me atrevo!



## XIII

Sonhei que nunca mais eu tornaria  
a vêr-te, meu amor idolatrado ;  
que de subito um sopro destruia  
todo um mundo de glorias que hei sonhado.

Mas quando uma tão intima agonia  
me havia já vencido e subjugado,  
ouvi cantar lá fóra a cotovia  
e despertei em prantos suffocado.

Que musica tão dôce, tão sentida !  
Mas coisa estranha ! Havia n'esse carne  
notas da tua falla, minha irmã !

Era de certo a tua voz querida  
que vinha cariciosa despertar-me,  
ave dos céos, calhandra da manhã !

## XIV

Como a lucta de irados elementos  
ruje-me n'alma ínfrene tempestade,  
lançando a minha curta mocidade  
nos mais tristes e acerbos desalentos.

Eivados de tristeza e de saudade  
vão-se-me os dias silenciosos, lentos:  
tremulas vélas que encontrados ventos  
balouçam na sombria immensidade.

Mas quando as azas negras da procella  
zurzem os flancos d'esse mar profundo,  
sobre as ondas vibrando o rijo açoite,

surge no espaço a tua fronte bella,  
illuminando a terra, os céos, o mundo,  
iris da salvação, astro da noite!

## XV

Mas quanto póde durar,  
filha, esta ventura immensa?  
Olha bem, medita, pensa,  
e me não queiras matar.

D'um raio do teu olhar  
minha alma vive suspensa,  
como na bahia immensa  
candida véla a singrar.

Vou para ti como quem  
procura um seio de mãe,  
mas... por cima d'um volcão!

E eis-me subjugado, inerme!  
Presinto que vaes perder-me,  
estranha fascinação!

## XVI

Sim! talvez isto seja uma loucura!  
se amanhã eu volvesse á sombra, ao nada,  
verias a tua alma retalhada  
nos espinhos da minha desventura.

Sinto por ti uma intima ternura;  
como tu ninguem foi ainda amada!  
e eu nunca poderei vêr subjugada,  
a paixão que me affaga e me tortura.

Tornar-te minha! eis todo o meu desejo;  
possuir-te é de certo tudo quanto  
póde uma alma insaciavel aspirar.

És a gloria que busco, o céo que invejo...  
mas antes eu fugisse ao teu encanto,  
ao luminoso abysmo d'esse olhar!

## XVII

Porque te prostra assim essa tristeza immensa?  
que sopro mau queimou os lyrios do teu rosto?  
como póde vencer tão intimo desgosto  
um cerebro que sente, um coração que pensa?

A mim basta-me a luz da fé profunda e intensa  
para varrer no espaço as nuvens do sol-posto;  
porém vejo faltar-me a egide a que me encosto,  
se abaladas presinto as bases da tua crença.

A dôr que me escravisa a ti fere-te e passa.  
Minha alma é como a flor que o gêlo da desgraça  
crestou, e nunca mais sorriu para a ventura.

A ti, se hoje uma dôr te posterga, amanhã  
a tua alma abrirá, flor de eterna frescura,  
o seu calix argenteo aos beijos da manhã.

## XVIII

Endoideces-me! Basta uma palavra tua,  
um teu sorriso apenas,  
para eu lançar do peito, onde o desejo estua  
todas as minhas penas.

O teu suave olhar é feito d'açucenas,  
e d'um raio de lua;  
e nas suas fataes ondulações serenas  
todo o meu ser fluctua.

Vence-me a solidão, prostra-me o desalento!  
e eu saberia dar tudo n'este momento,  
de tão saudosa dôr,

sabes tu para quê, gloria dos meus sentidos?  
para te ouvir dizer de novo aos meus ouvidos  
esta palavra: amor.

## XIX

Filha, por me vêres triste  
não te entristeças também ;  
que de ti nunca me vem  
motivo que me contriste.

Tu comigo repartiste  
os teus thesouros do bem ;  
quando o teu seio me abriste,  
um casto seio de mãe.

Por isso ao vêr-te estremeço !  
que ninguém te soube amar  
com tamanha devoção.

Mas ás vezes entristeço,  
por vêr que te fui roubar  
a paz do teu coração !

## XX

Perguntas-me talvez por que não canto,  
como outr'ora, os meus intimos pesares;  
porque não vou depôr nos teus altares,  
como então, o meu óbulo de pranto.

Fez-se um silencio religioso, santo  
na lyra dos meus timidos cantares;  
ave sinistra suspendeu nos ares  
o seu profundo olhar, cheio d'espanto.

Recolho dentro em mim o pensamento;  
fujo de lêr no azul do firmamento,  
em ignea letra, amargas ironias.

Volvo então meu olhar para o passado,  
e ouço ao longe carpir, em tom magoado,  
o echo das minhas francas alegrias.



SEGUNDA PARTE



## CELESTE

Ha certas creaturas que só vêl-as  
basta para a nossa alma ajoelhar;  
parece que derramam n'um olhar  
uma chuva de bençãos e de estrellas.

Tu, meu celeste amor, és uma d'ellas:  
vêr-te é sentir de subito inundar  
a nossa alma n'um banho de luar,  
n'uma chuva de bençãos e d'estrellas.



## IDEAL

Esse conjuncto de graças,  
esse teu corpinho d'ave,  
deixa um perfume suave  
no ambiente por onde passas.

É um perfume celeste  
de virtude e castidade;  
essencia da mocidade,  
thesouros que tu me deste.

Meu doce raio d'aurora,  
quando a tua luz me inunda,  
n'uma adoração profunda  
a minha alma ajoelha, e adora!



## GRATIÆ PLENA

Ha n'ella não sei quê de pomba e de violeta;  
a meiguice e o perfume, os mimos e a frescura;  
realidade gentil d'uma ideal ventura,  
sublime humanação d'um sonho de poeta.

O seu andar tem graça; o gesto é serio e grave;  
e a sua voz nos lembra a vaga melodia  
d'um canto que vae longe, a aragem que ciccia,  
o aroma que passou! Mixto de flôr e ave!

Ás vezes julgo ouvir como um sussurro d'aza,  
um esvoaçar inquieto... e tenho tentações  
de meus braços lançar-lhe em fórma de grilhões!  
Mimosa! se lhe toco o meu calor a abraza.

Fico então a adoral-a. Um grande sentimento  
ou faz um criminoso, ou salva um grande crime;  
por isso é este amor o sól que me redime;  
mas é como um vulcão,—requeima o pensamento!

É ella o ar que bebo, o sól que me acalenta,  
ella o riso que eu rio, ella o sonho que eu sonho!  
fanal que me guiou no temporal medonho,  
tábua que me salvou da pérfida tormenta.

E não heide eu amal-a, e adoral-a, e seguil-a,  
como o cego o seu guía, o baixel o seu norte?  
Lazaro á voz de Christo ergueu-se bom e forte?  
pois foi ella o meu Christo... e foi bastante ouvil-a!

Se a tenho ao pé de mim, oh! que alegria immensa!  
preso d'aquelle olhar, que me endoidece e abraza,  
a alma sobe! não sei que mysteriosa aza  
a eleva para o Azul. Não vê, não rí, não pensa!

Vêl-a porém partir é sentir o ciume  
de tudo quanto é d'ella, e perto d'ella existe.  
Vêl-a partir, meu Deus! ha lá nada mais triste?  
com ella foge tudo,—alento, sól, perfume!



## VINTE E TRES

### I

Vibra-me ainda n'alma  
a musica suave  
da tua voz, ó ave  
dos célicos jardins.  
Embala-me, endoidece-me,  
concerto mago e infindo,  
que a noite vae abrindo  
as urnas dos jasmíns.

### II

Eu sinto em mim crescer  
uma alma nova, estranha,  
quando a tua luz me banha,  
estrella da manhã.

Tornou-se facto o sonho,  
raiou a madrugada!  
tu és a minha amada,  
tu és a minha irmã.

## III

Musa dos aureos sonhos,  
descança no meu seio,  
entôa o teu gorgueio,  
alegre rouxinol!  
Vês? fito no horizonte  
o ponto azul, aonde  
ha muito se me esconde  
a tua luz, ó sól.

## IV

É isto uma loucura?  
um passo para o abysmo?  
Quanto mais penso e scismo  
mais se me extingue a luz!  
Se tu na terra amaste,  
—já que ama a planta e a fera,—  
o teu amôr como era,  
ó pallido Jesus?

## CREPUSCULAR

Na téla do firmamento  
brilha apenas uma estrella:  
assim tu unica e bella  
reinas no meu pensamento.

Minha estrella tentadora,  
que o teu manto azul me acoite;  
que importam astros da noite,  
quando vem rompendo a aurora?

Logo virão aos milhares  
ao minimo teu desejo;  
que elles são o teu cortejo,  
e os cyrios dos teus altares.

Comtigo a côrte caminha,  
e vae seguindo os teus rastros:  
é como poeira d'astros  
sobre um manto de rainha.

É como enxame de abelhas  
buscando a flôr que embriaga;  
á luz do sól que as affaga  
vibram as azas vermelhas.

Surriu terra, ceus e mar  
apenas appareceste,  
minha perola celeste,  
ó minha estrella polar.

Bússola que me conduzes  
na minha sombria estrada,  
tu és a luz consagrada  
nas legiões d'ethereas luzes.

N'essa altura onde tu moras  
outra luz nenhuma entra;  
que esse teu olhar concentra,  
todo o fulgor das auroras!

.....

Qual no vasto firmamento  
aquella brilhante estrella,  
assim tu, unica e bella,  
reinas no meu pensamento.

## EXIGENCIAS

Gostava de saber que estavas triste:  
vê tu que extranhas coisas tem o amôr!  
Mas eu te explico: aonde amôr existe  
existe sempre a sua irmã, a dôr.

A alegria é ás vezes indiferença;  
mas a tristeza nunca. Está contente  
ou ri-se muitas vezes quem não pensa;  
soffre quem traz o coração doente.

E se é que me amas, pallido jasmim,  
quando a saudade o seio te contriste  
de certo então tu pensarás em mim.

Eis a razão porque te quero triste.



EMFIM!

Se toco nos teus dedos  
meu coração delira;  
canta-me ignota lyra  
uns intimos segredos.

Se fallas, que ternura!  
solta-se alegre bando  
d'aves que vão cantando  
uns hymnos de ventura.

Se passas, que alvoradas  
na esteira que deixaste,  
anjo que repousaste  
as azas perfumadas.

Se me sento ao teu lado  
teu halito resume  
a frescura e o perfume  
d'um lyrio inda orvalhado.

Se toca, por acaso,  
meu rosto o teu cabelo,  
n'um concentrado anhello  
todo me queimo e abraço.

Se do teu pé a ponta  
meu olhar enamora,  
que promessa! é a aurora  
d'um ceu que me desponta.

Se pensativa scismas,  
que mundos entrevejo!  
meu calido desejo  
n'um mar de luz o abysmas!

Se te sorris, inflamma  
a aurora a tua bocca,  
e, borboleta louca,  
queimo-me n'essa chamma!

Se uma fagueira esp'rança  
n'um teu olhar diviso,  
buscando o paraiso,  
minha alma absorta avança.



---

Se poiso na tua mão  
um beijo, docemente,  
sinto uma lava ardente  
fundir-me o coração.

Se me fitas risonha,  
meu corpo, fibra a fibra,  
palpita, treme, vibra,  
emquanto a alma... sonha!

Ó luz dos olhos meus,  
rastaste a noite escura!  
Que vida e que ventura!  
até que enfim, meu Deus!



GOIVOS



## Á MINHA AIA

Sabia-me contar aquella creatura  
umas historias taes, tão longas e attrahentes,  
que eu gostava de ouvir com filial ternura  
a voz que me encantava as horas innocentes.

Faz um anno, porém, que lá nos climas quentes,  
a enxada do coveiro abriu-lhe a sepultura,  
e eu não pude regar com lagrimas ardentes  
a pedra sepulchral da sua loisa obscura.

Esta noite sonhei que eu era pequenino,  
e o timbre musical, metalico, argentino  
da sua meiga voz soou aos meus ouvidos.

Mas, coisa estranha e rara! a historia que eu ouvia,  
não era uma invenção da sua phantasia,  
mas a historia fatal dos sonhos meus perdidos.



## UMA PAGINA SAUDOSA

D. M.

### I

O amor tem muitas vezes taes sophismas  
que o espirito procura em vão solvêl-os,  
e eis a razão talvez porque tu scismas  
e a tua mente sonha aureos castellos.

Deu-te a imaginação uns falsos prismas  
pelos quaes ante-vês mundos tão bellos,  
e emquanto n'esse mar de dôr te abysmas  
deixas fluctuar ao vento os teus cabellos.

Quando te vejo assim fazes-me pena!  
a tua mão diaphana e pequena  
tem contracções electricas, estranhas.

E ha não sei que celeste claridade,  
que mundos de tristeza e de saudade  
n'esse olhar tão suave em que me banhas.

Tojal — Agosto, 1875.

## II

Como nascem os lyrios na devesa  
entre as urzes do monte, assim nasceras ;  
diziam que da plebe tu vieras ;  
mas cabia-te um manto de princeza.

Sorrias, qual sorri a natureza  
quando chegam as roseas primaveras ;  
mas veio o inverno, e ´fragil como eras  
desfolhou-te dos ventos a aspereza.

Roubaram-te bem cedo ás tuas dôres,  
e do sepulchro á solidão que géla  
baixaram com o teu corpo os teus amores.

Pobre criança ! como ias bella,  
e intactos os botões encantadores  
da tua branca, virginal capella.

Lisboa — Outubro, 1875.



## NO CEMITERIO

M. C. P.

Voaste para a luz, ó alma idolatrada,  
alcançaste n'um vôo os páramos brilhantes,  
como a pomba que abrisse as azas scintillantes,  
mal doirasse o horizonte a lymvida alvorada.

Tu, não morreste, não! morrer é sossobrar  
no Oceano sem luz do negro esquecimento;  
morrerias, se em nós morresse o pensamento,  
e os corações dos teus deixassem de pulsar.

Quizeste-nos fugir, talvez fizesses bem,  
rosa que te esfolhaste ao despontar da vida;  
mas na hora fatal da tua despedida  
nem sequer te prendeu o amor de tua mãe.

O amor dos teus irmãos, os tristes innocentes  
que tinham sempre em ti caricias e conselho;  
nem a dôr de teu pae, desventurado velho  
a quem de lucto encheste os annos decadentes.

Saber que tu morreste e que a terra occultou  
tudo que em ti brilhava, o riso, a mocidade!  
sentir no coração morder-me esta saudade!  
vêr que a seiva fugiu, e que o tronco ficou!

Ó decretos fataes! incomprehensivel lei!  
quem ousa interrogar-te, ignota Providencia?  
Ella a essencia de Deus voltou á sua essencia,  
e eu o inutil sarçal, eu a orchydia fiquei!

Sim, fiquei como fica a urze entre as ruinas  
de tudo que foi bello, e o tempo esmoronou;  
e tu ergueste, ó pomba, o teu placido vôo,  
abrindo á luz da aurora as azas peregrinas.

Fiquei para chorar-te, ó alma estremecida,  
para regar co'o pranto a tua sepultura,  
a vêr se por acaso a minha desventura  
acorda em teu sepulchro a tua voz querida.

Tudo é sombrio, vês? Começa o inverno agora.  
Como tudo é soturno, e como tudo é triste!  
fugiu tudo comtigo, astro que me fugiste,  
e a noite appareceu mal se apagou a aurora.

Havia em ti a luz, a graça, a formosura,  
a mocidade ardente, a vida exuberante  
que punha em teu olhar um prisma deslumbrante,  
e na tua rosea bôcca um mimo de frescura.

Havia tudo em ti: a casta singelleza  
do lyrio que se abriu á luz da madrugada,  
as tintas do sol posto, e os risos da alvorada,  
mixto de sombra e luz, de extase e de tristeza!

Pois assim nos deixaste, e não voltarás mais?  
Olha que triste, triste é a natureza inteira!  
Vem vêr de novo abrir a flor da laranjeira,  
e encherem-se d'aroma os tremulos myrthaes.

Vem vêr o sol nascer, reverdecer a hera,  
os floridos jardins e as opulentas messes.  
Meu celestial amor, mal tu apparecesses  
tu verias romper a aurora, a primavera.

Vim de bem longe aqui trazer ao teu jazigo  
lagrimas com que a dôr o peito me opprimia!  
Filha, acorda! e vem dar á minha alma a alegria  
que só de ti me vinha, e me fugiu contigo!

Cintra — 187...



NALY



A MINHA MULHER





## NALY

Quando ella estava aqui, bem perto do meu seio,  
ouvir-lhe a voz querida era o meu dôce enleio;  
unil-a ao coração, cingil-a nos meus braços,  
solicito amparar-lhe os vacilantes passos.

Como é encantadora aquella voz suave!  
o seu gesto gracioso, os seus meneios d'ave!  
Beijo-a e julgo sentir não sei que estranho aroma  
nas ténues espiraes da sua loira coma.

Ás vezes pego n'ella e escondo-a no meu seio;  
e se ella me sorri não sei que poemas leio  
n'aquelle riso d'ella ingenuo e transparente;  
e sinto o coração pular-me de contente.

E indago d'esse olhar ethereo e luminoso:  
«Porque sinto eu em mim taes sensações de gozo?»  
E esses astros azues roubados aos espaços,  
para serem apoz lançados aos meus braços,

me levam a entrever, lá no horisonte escuro,  
um loiro archanjo abrindo as portas do futuro,  
e muito álem, no fim d'uma sombria estrada,  
as purpuras do Oriente, e os risos da alvorada.

Sempre que o meu pensar insolito me abysma  
na triste solidão da alma que pensa e scisma,  
contraste luminoso ás sombras do poeta,  
vem esvoaçar-me em volta a loira borboleta.

Se acaso no silencio os labios meus murmuram  
as phrases que o pensar e a mente me torturam,  
ella, julgando ouvir um mysterio, um segredo,  
leva á rosada bôcca o seu mimoso dedo.

É a minha alegria, a minha companheira,  
a luz que ha de guiar minha alma forasteira  
á realização dos aureos sonhos lêdos,  
seguir-me, qual a sigo agora em seus brinquedos.

N'ella vejo crescer o santo affecto puro  
com que me hei de encontrar nas luctas do futuro;  
cultivo na creança a alma da mulher,  
semeando agora o amor que um dia hei de colher.

E lido sem cessar na aspiração risonha  
de vêr que tudo quanto a minha mente sonha  
de alegrias, de bens e gosos para ella  
tudo ha de conceder-lhe um dia a sua estrella.

Tornou-me aquelle affecto ambicioso, avaro!  
sustendo-a me sustenho, amparando-a me amparo,  
pois que de certo são por igual vacilantes  
o seu passinho incerto, e os passos meus errantes.

Para tudo é mister um fito n'este mundo,  
uma ambição do bem, um desejar profundo;  
a gloria nos sorri com seus estranhos brilhos,  
e é a gloria d'um pae o affecto dos seus filhos.

O affecto da innocencia, e um outro mais perfeito,  
mixto de gratidão, de crença e de respeito,  
que mais robusto surge em cada nova idade,  
e faz d'um sopro — a vida — uma immortalidade.

Quem sabe o que ha de vir a ser esta creança?  
Ora rispida e audaz, ora serena e mansa,  
ha já hoje um enigma estranho a decifrar  
na movediça luz do seu formoso olhar.

Um olhar onde ha tudo! Explendida alvorada,  
com o eterno chilrear das aves na ramada,  
e os concertos que dão no firmamento os soes!  
symphonias de luz! cantos de rouxinoes!

Vendo-a abrir para mim os olhos scintillantes,  
onde se vão rever os meus, quaes dois amantes,  
que não sabem fugir á luz que os enamora,  
sinto cantar-me n'alma as musicas da aurora.

E parece-me então que, se ella me pedisse  
com o seu risinho bom, tão cheio de meiguice,  
a lua, eu poderia obter a argentea péla,  
só para a vêr brincar pelos jardins com ella.

O verdadeiro amor é uma omnipotencia!  
Ha n'elle não sei quê de sublime demencia  
que dá o arrojo, a febre, a força, o heroismo:  
aspirações do céo, e vertigens do abysmo.

E comtudo não ha uma luz mais tranquilla  
do que a luz que lhe doira a esplendida pupilla:  
espelho que reflecte a terra, os céos, o mar,  
sereno lago azul banhado de luar!

As creancinhas são os anjos bons da terra.  
De tantos aleijões que a alma humana encerra,  
de tanto homem vil que põe na vida o inferno,  
quantos não redimiui o santo amor paterno.

Seja o filho d'um Nero, ou filho d'um chacal,  
ha sempre um não sei quê de puro e angelical  
na tranquilla expressão com que elle entra na vida,  
alma feita de soes, e nas trevas perdida!

Ao meu lar tambem Deus mandou uma esperanza;  
e embriagado na luz que a lympida creança  
espalha sobre mim, no meu scismar immerso,  
guardo a serena paz do pequenino berço.

Tambem me coube, a mim, sombrio scismador,  
um fructo bom de envolta aos espinhos do amor;  
floriu-me dentro d'alma o seu riso divino,  
lyrio que abriu na sombra o calix argentino.

Por isso eu agradeço á justa lei da sorte,  
que oppõe um porto — a vida, ao grande abysmo — a morte  
e junto ao mal semeia o bem que o recompensa,  
o ter-me dado em troca esta ventura immensa.

1875.

FIM.



# INDICE

---

	PAG.
Observação prévia.....	7

## INDIANAS

India Mater.....	13
Theatro primitivo (Sacuntala).....	17
Lakmé.....	21
Nupcias pagãs.....	27
O amanhecer.....	35
Sesta.....	39
O rapto da viuva.....	41
Aurú.....	45
O pária.....	49
A noite do noivado.....	53
Oriental.....	55
A Valentina de Lucena.....	57
Canções do berço.....	59

## POLYCHORDON

O pôr do sol.....	65
A Victor Hugo.....	71

	PAG.
Paizagem.....	73
Accordas com as flores.....	75
Contraste .....	77
Avè-Mater.....	79
No alto mar.....	81
Ao luar.....	83
As sevilhanas.....	85
Lésbia.....	87
Espumas .....	89
Cómmo, o imperador romano .....	91
Vis-à-vis .....	93
Castidade.....	99
No campo.....	101
À espera d'uma carta .....	103

## SYMPHONIAS DO AMOR

### PRIMEIRA PARTE

I Ha em tudo que faço um intuito secreto.....	109
II Ouso ás vezes perguntar.....	110
III Ha não sei quê de santo, e placido, e tranquillo.....	111
IV A tristeza enervante arrojo-a do meu peito.....	112
V Obrigado, meu Deus! Emfim esfacellou-se.....	113
VI Volto de novo á vida, ás festas do trabalho.....	114
VII Por mais longe que tu vás.....	115
VIII .....	116
IX Vem arrancar-me ao dôce isolamento.....	117
X Vão as horas correndo silenciosas.....	118
XI Não queiras tu saber os tristes soffrimentos.....	119
XII Que saudades eu sinto de te vêr.....	120
XIII Sonhei que nunca mais eu tornaria.....	121
XIV Como a lucta de irados elementos .....	122
XV Mas quanto póde durar.....	123
XVI Sim! talvez isto seja uma loucura!.....	124
XVII Porque te prostra assim essa tristeza immensa?.....	125
XVIII Endoideces-me! Basta uma palavra tua.....	126
XIX Filha, por me vêres triste .....	127
XX Perguntas-me talvez porque não canto.....	128



## SEGUNDA PARTE

Celeste.....	131
Ideal.....	133
Gratia plena.....	135
Vinte e tres.....	137
Crepuscular.....	139
Exigencias.....	141
Emfim!.....	143

## GOIVOS

A minha aia.....	149				
Uma pagina saudosa	<table> <tr> <td>I — O amor tem muitas vezes, etc.....</td> <td>151</td> </tr> <tr> <td>II — Como nascem os lyrios, etc.....</td> <td>152</td> </tr> </table>	I — O amor tem muitas vezes, etc.....	151	II — Como nascem os lyrios, etc.....	152
I — O amor tem muitas vezes, etc.....	151				
II — Como nascem os lyrios, etc.....	152				
No cemiterio.....	153				

## NALY

Naly.....	161
-----------	-----

## APPENDICE

Algumas palavras cuja explicação se torna necessaria para a facil comprehensão do texto (paginas finaes).....	I-VIII
--	--------





## APPENDICE

---

ALGUMAS PALAVRAS CUJA EXPLICAÇÃO SE TORNA NECESSARIA  
PARA A FACIL COMPREHENSÃO DO TEXTO

**Arecaí** — Arvores que produzem a areca, *faufel* (*areca catechu*) ou avelã da India. Chamam-lhe em Gôa *supari*. As palavras *areca*, *betle* (folha de mascar), *chuname* (cal feita d'ostras queimadas), *ólla* (folha da palmeira), entram na terminologia usual de Gôa, e foram adoptadas pelos portuguezes no Malabar, sua primeira estação na India.

**Aureng-Zeb** — Ultimo dominador do grande imperio mogól no Industão. Fez a conquista do Deccan, de Bejapura, e de Golconda, reino então assaz poderoso.

**Bailadeira** — Déva-dassy, dançarina ao serviço dos templos. É filha d'uma classe especial, tolerada pelos codigos indianos, onde a mancebia é um modo de vida que passa como herança de mães para filhas. Os rapases são destinados ao officio de musicos, e tocam os instrumentos, ao som dos quaes dançam, em voluptuosos requebros, mães, filhas e irmãs. Chamam-lhes em Gôa *mordanguei-*

ros, porque a mordanga é o instrumento indispensavel nas festas das bailadeiras (Vide Mordanga.)

**Brahma** — A primeira pessoa da trindade (trimurty) indiana, symbolisada na palavra sacramental *aum*, onde *a* representa Vishnú, *u* Siva, e *m* Brahma. — Brahma é o principio creador da natureza. Representa o passado e tem por symbolo o Sól.

**Brahmanes** — Individuos da classe sacerdotal, a primeira e a mais nobre das quatro em que se divide a grande familia indiana. Diz o Codigo de Manú: «Para a propagação da raça humana produziu Pará-Brahma (o Ente supremo), da sua bocca, do seu braço, da sua coxa, e do seu pé: o bráhmene, o kchátria, o váisia, e o sudra». É por esta razão hyerarchica que na classe dos bráhmanes se encontram os sabios, os padres, e os funcionarios publicos; na dos kchátrias, os nobres, os principes e os guerreiros; na dos váisias, ou banianes, os negociantes e os agricultores; e na dos sudras, os artistas e os operarios.

**Bulbul** — Ave muito estimada pelo seu canto. As duas especies mais conhecidas são *Ixos jocosus*, e o *Hœmortuis cafer*. — Bulbul *cafre*, e bulbul do *Canará*, lhes chamam em Gôa.

**Chól** — Especie de corpete de manga curta, que chega o busto da mulher até um pouco acima da cintura. Fazem-n'o as classes abastadas dos mais ricos estofos.

**Clive** (Robert) — O verdadeiro fundador do imperio inglez na India. De simples escripturario, ao serviço da Companhia das Indias, passou a ter o papel mais importante nas primeiras conquistas realisadas pelo genio audaz e astuto de Inglaterra (1725-1774), nos vastos dominios do Industão. A Ingla-

terra porém fez-lhe o mesmo que o marquez de Lantenac ao artilheiro do *Quatre-vingt-trèse*: matou-o, depois de o ter coberto de honrarias.

**Cornwallis** (Lord) — A terceira figura da brilhante triade que firmou os alicerces do imperio inglez na India. Succedeu a Warren Hastings.

**Cussah** — *Pao cynosuroides*, herva santa, usada nas ceremonias religiosas.

**Darmashastra** — Manava-darma-shastra, ou Livro das Leis de Manú, Codigo das instituições religiosa e civil dos hindús. É dos mais antigos Codigos do mundo.

**Djaguernat** — Templo celebre na cidade santa de Puri, a quatro dias de distancia de Calcutá, onde acorrem annualmente mais de um milhão de peregrinos, de todas as partes da India. Attribuem-lhe origem budhica, não só pela razão da fórma particular dos seus idolos; mas tambem pelo caracter das festas que ainda hoje alli se celebram. Deve ter sete a oito seculos de existencia. O celebre carro onde sae processionalmente, nas festas do Rajatra, o idolo de Vishnú, tem oito metros de comprimento e oito de largo. Assenta sobre treze rodas, e é puxado por milhares de fanaticos, que na febre do mysticismo religioso parecem possessos. Esta exaltação d'espírito levava-os á loucura de se lançarem no chão, no acto da passagem do carro triumphal, para serem triturados pelas rodas; e mesmo hoje, apesar da policia ingleza, casos d'esses se dão frequentes.

**Ellephanta** — Ilha celebre nas proximidades de Bombaim. Deve o nome aos portuguezes, inspirados no colossal elephante de pedra que alli se admirava, e a fama ao seu magnifico templo subterraneo, que

\*

é uma das maiores glorias da architectura indiana. (Vide Diogo de Couto e Lima Leitão.)

**Ellora** — Verdadeiro Pantheon Indiano, que contém obras primas d'arte e de architectura, datadas de 2500, e mesmo de 7940, segundo a maravilhosa chronologia dos Brahmanes. (Soupé.)

**Hasting** (Warren) — Continuador da obra de Robert Clive (1733-1818). Orientalista distincto, e póde-se dizer o iniciador dos estudos sobre a litteratura sagrada da India.

**Holkar** — Poderoso chefe maratta no tempo de Hasting. O Achilles, ou antes o Ajax do seu tempo. (Philarète Chasles.)

**Huka** — Cachimbo moiro.

**Imaus** — Antiga denominação de Himavat ou Hymalaya, grande cordilheira, onde nascem o Ganges, o Indo, o Brahmaputra, e outros rios importantes do Industão.

**Indra** — O Jupiter indiano; reina no céo, e regula os phenomenos atmosphericos. Representam-n'o montado n'um elephante (Iravat), com quatro braços, e uma flôr de Lodão n'uma das mãos.

**Maha-Bali-Puran** — Quer dizer: «Cidade do grande Bali», heroe fabuloso da antiguidade. São sete templos, hoje em ruinas, construidos em honra de Vishnú, com baixos relevos e esculpturas em rochas. Falla d'elles nas notas do seu poema «A maldição do Kehama», o orientalista Robert Southey.

**Majid** — O templo de Magid é a mesquita cathedral de Delhi. Fundada por Chah Jehan, é reputada a obra prima da architectura indo-musulmana. Este templo guarda reliquias de grande valor, taes como a sandhalia de Mafoma, e um cabello da sua barba.

Exceptuando Constantinopla, Cairo e Mediña, em nenhum outro ponto se encontram reliquias de tamanho valor; por isso o templo de Magid, é o monumento da maior veneração dos musulmanos da Asia Central e da India. As mais importantes reliquias, porém, que alli se encontram são os manuscriptos do Korão, um d'elles dictado pelo proprio Mahomet.

**Mangueiral**—Arvores que produzem a manga (*mangifera indica*), saboroso fructo sem rival na Europa, mas que tem o quer que é de pecego e de damasco, como muito bem observa um viajante illustre. — « Quanto mais disserdes d'essa fruta no sabor acertareis mais », disse d'ella o nosso Garcia de Orta, nos *Colloquios*.

**Marattas**—Raça aguerrida, notavel nos annaes da India. Teve por chefe a Peschwa, pae adoptivo do celebre Nana Sahib, o sanguinoso heroe de Cowmpore e Lucknow.

**Mogarim** (*Jasminum grandiflora*)—Jasmim branco de grandes pétalas e aroma delicioso. Muito apreciado pelas mulheres hindus para enfeite dos cabellos. É tambem usado na decoração dos templos brahmanicos e altares christãos.

**Mordanga**—Instrumento de pancada, de fórmula oblonga, tocado com as mãos. Acompanha o canto das bailadeiras.

**Nôt**—Joia que as indianas trazem pendente da narina.

**Panká**—Grande ventarola suspensa do tecto, e balouçada com o fim de agitar o ar e refrescar as calmas do estio.

**Pária**—É assim denominado na costa de Coromandel todo o individuo da grande classe dos homens degradados, quer por condições de nascimento,

quer por actos menos dignos, que o expulsem das classes mais consideradas. Nenhuma lei os protege nos codigos indianos; nenhum individuo das classes superiores se lhe aproxima, nem tem com elle relações. São tidos como uns animaes immundos; comem e vestem-se d'um modo áparte. Não podem habitar nas cidades, nem banhar-se no Ganges. Moram em sitios retirados, e exercem os officios baixos. Na costa do Malabar chamam-lhes *pul-liás*.

**Resbok** — Garça real.

**Sacuntala** — Heroína do notavel drama, em sete actos, de Kalidasa: «O reconhecimento de Sacuntala», fundado n'um episodio do Mahabárata, e hoje traduzido em quasi todas as principaes linguas da Europa.

**Sarangui** — Especie de rebeca, de muitas cordas, tocada com um arco. Acompanha o canto das bailladeiras.

**Sarcâr** ou **Saracâr** — Auctoridade superior d'um estado: rei, governador, magistrado, etc.

**Satti** — Á cerimonia brutal que era conhecida por este nome, se referem os versos da pag. 41: «O rapto da viuva». A cerimonia do *satti* consistia em lançar a viuva, em vida, á fogueira onde se incinerava o cadaver do marido. N'este acto se queria provar a nullidade da mulher, e o termo da sua missão, depois da morte do marido, de quem era uma especie de escrava. Não encontramos no Codigo de Manú lei nenhuma que auctorisasse semelhante brutalidade. Diz apenas (Liv. 6, § 157.º) que «a mulher que perder o marido não deve nem sequer pronunciar o nome d'outro homem». — Parece que o sacrificio do *satti* teve origem nos codigos pos-



teriores ao de Manú. (Colebrooke, e Abel Remusat.)

**Sitá**—Esposa de Ramá, rei de Ayodia (Aude), tido como uma das encarnações (avatar) de Vishnú, e cantado por Valmiki, o Homero indiano, na sua epopeia «O Ramayana», que appareceu dez a quinze seculos antes de Christo, segundo as mais fundadas hypotheses.

**Sitar** ou **Satár**—Especie de guitarra com tres cordas. A que tem seis chama-se *chatar*.

**Terral**—Vento fresco de nordeste, que se faz sentir em Gôa, principalmente no mez de dezembro.

**Thog**—Estrangulador da India. Servimo-nos no modo de escrever esta palavra da auctoridade de um patricio illustre, Francisco Luiz Gomes.

**Typú**—Foi o ultimo sultão de Myssore. Filho e successor do celebre Hider-Ali, sustentou, como seu pae, guerra sem treguas contra o dominio dos inglezes.

**Trichengura**—Tem dois templos celebres, modelos da architectura pyramidal do Oriente. O menor é o mais rico, porém o menos afamado.

**Tulôs** (*Occimum sanctum*).—Especie de mangericão. Arbusto venerado pelos hindus, que o plantam geralmente junto das suas habitações. Em varias localidades acredita-se que é a metamorphose d'uma mulher.

**Vedas**—Escripturas sagradas da India, reveladas, segundo é crença, por Brahma, e conservadas na tradição até que Váisia, uma legendaria figura do mundo aryano, as compilou. Dividem-se em quatro livros: O *Rig-Veda*, o *Yadjur-Veda*, o *Sama-Veda* e o *Atarva-Veda*.

**Vinã**—Cythara indiana; tem ordinariamente sete cor-

das, e creem os indios que foi inventado por Narda, filho de Brahma.

**Vishnú**—Segunda pessoa da *trimurty* indiana; principio conservador que representa o futuro e o presente, e tem por symbolo a Agua.

**Viswacarma**—Architecto e esculptor dos deoses no Paraiso d'Indra (Swarga).

N. B. Usando da liberdade que a fôrma poetica até certo ponto auctorisa, demos á maior parte das palavras estrangeiras uma feição portugueza, e só assim podemos justificar, por exemplo, as innovações de pronunção introduzidas nas palavras: Cornwálles, Hastíng, Sacuntála, e outras.

Lisboa. Outubro de 1880.









DO MESMO AUCTOR

(Em via de publicação)

---

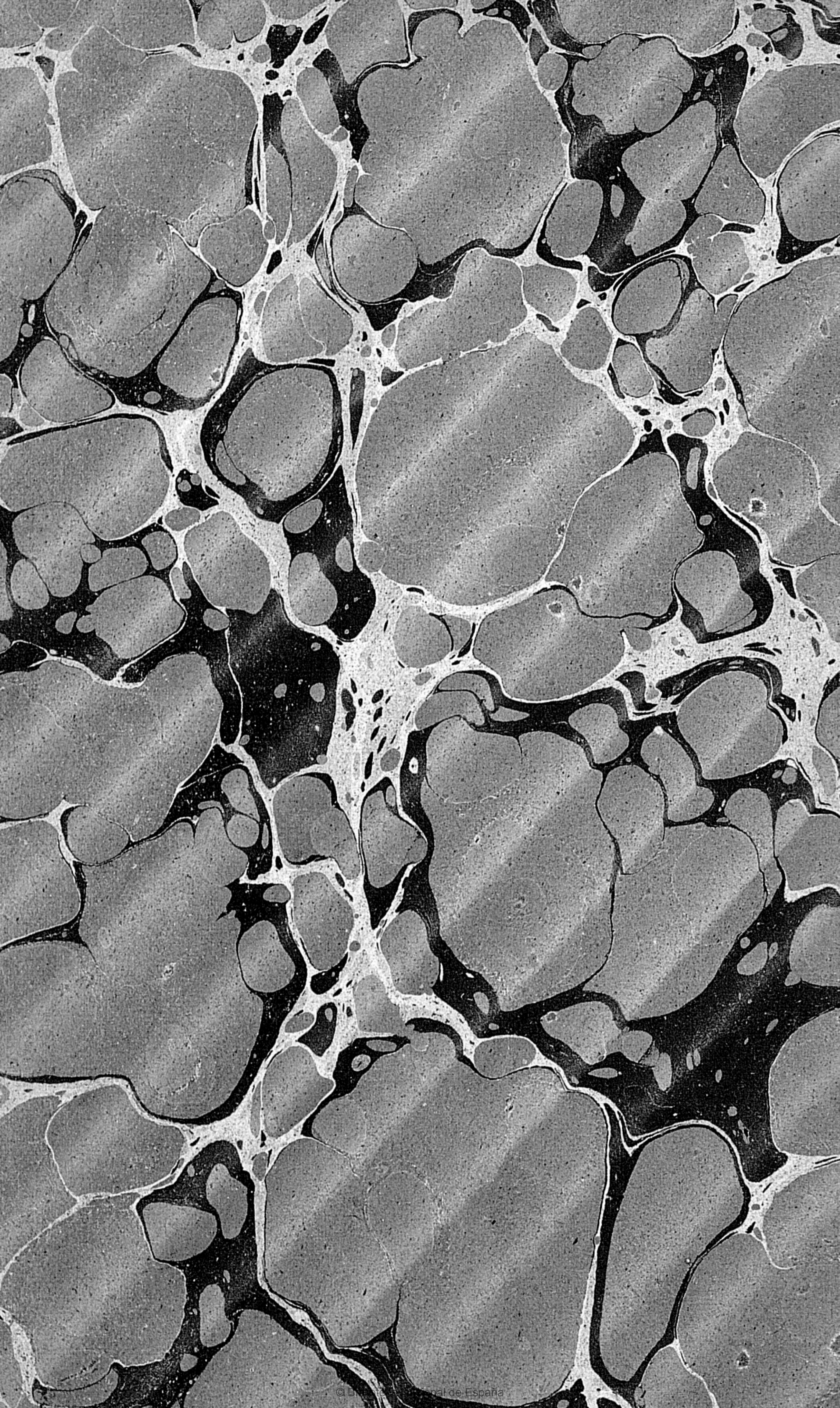
VERSOS ..... i volume  
O CAMÕES NA INDIA..... i volume











BIBLIOTECA NACIONAL  
BN



1102899832



385601153856011538

